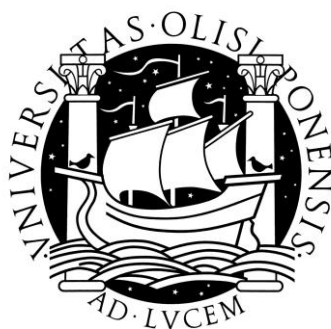


UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



*SOCIAL CONNECTEDNESS*, AMBIENTE FAMILIAR E RITUAIS FAMILIARES:  
INFLUÊNCIAS NA INSATISFAÇÃO COM A IMAGEM CORPORAL DE  
ADOLESCENTES E JOVENS ATORES

Élia Carina Lopes Dias

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Secção de Psicologia Clínica e da Saúde

Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica

2012

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



*SOCIAL CONNECTEDNESS*, AMBIENTE FAMILIAR E RITUAIS FAMILIARES:  
INFLUÊNCIAS NA INSATISFAÇÃO COM A IMAGEM CORPORAL DE  
ADOLESCENTES E JOVENS ATORES

Élia Carina Lopes Dias

Dissertação orientada pela Professora Doutora Rita Francisco

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Secção de Psicologia Clínica e da Saúde

Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica

2012

## **Agradecimentos**

*À Professora Doutora Rita Francisco por me ter orientado neste percurso que agora termina. Pela sua disponibilidade, atenção, dúvidas esclarecidas e simpatia. Obrigado pelas suas críticas, sugestões e correções, sempre tão pertinentes. Um muito obrigado pela paciência e generosidade demonstradas.*

*À Professora Rute pela sua preciosa ajuda, disponibilidade e simpatia.*

*Aos meus pais pelo apoio, paciência e oportunidade que me deram de frequentar o curso de Psicologia e de vir para Lisboa. Obrigada pela compreensão e generosidade.*

*À Sara Malaquias e Inês Rocha pela partilha, desabafo e atenção. Obrigado Sara pelo apoio, generosidade, disponibilidade, pelos inúmeros telefonemas, pelas dúvidas e angústias partilhadas. Por estares sempre ao meu lado.*

*À Inês Lmares por mais uma vez estar presente, pelo apoio e atenção. Agradeço a sua generosidade e disponibilidade sempre demonstradas. Obrigado por estares sempre aqui.*

*À Andreia Simões, à Nídia Botelho e à Andreia Correia, por me acompanharem neste trajeto, por todos os momentos partilhados, pela amizade e por todo o carinho.*

*Aos meus amigos da Faculdade por todos os momentos partilhados, pelo apoio e incentivo, por toda a simpatia e compreensão.*

*Aos meus amigos mais antigos por continuarem presentes em momentos de maior ausência.*

*Por fim, a todos os que tornaram possível a concretização desta investigação.*

*A todos o meu muito obrigado!*

## Resumo

Com a presente investigação pretendeu-se averiguar a relação existente entre *social connectedness*, ambiente familiar, rituais familiares e insatisfação com a imagem corporal em adolescentes atores e não atores, de ambos os sexos. Procurou-se também analisar a possível influência mediadora da *social connectedness* na relação entre as variáveis familiares (ambiente familiar e rituais familiares) e a insatisfação com a imagem corporal. Para tal, foi aplicado um Questionário de Dados Pessoais e Sociodemográficos, a *Contour Drawing Scale* (Thompson & Gray, 1995), a *Family Environment Scale* (Moos & Moos, 1986) e o *Family Ritual Questionnaire* (Fiese & Kline, 1993) a 380 alunos do ensino secundário, de três estabelecimentos de ensino da Grande Lisboa, de um estabelecimento de ensino profissionalizante de artes e espetáculo e de uma produtora de televisão. Nos resultados foram encontrados níveis mais elevados de *social connectedness* nas raparigas do grupo de controlo, quando comparadas com as jovens atrizes. Dentro do grupo de atores e grupo de controlo, não foram encontradas diferenças de sexo significativas. Contudo, atendendo aos dois grupos, foram encontradas mais correlações nos rapazes. A *social connectedness* revelou-se mediadora das associações entre as variáveis familiares e a insatisfação com a imagem corporal, indicando que esta contribui para a redução da insatisfação dos adolescentes. Discutiram-se também contributos para a investigação, limitações e considerações futuras.

**Palavras-chave:** Adolescência, *Social Connectedness*, Ambiente Familiar, Rituais Familiares, Insatisfação com a Imagem Corporal, Contexto de Artes Performativas.

## Abstract

In the present investigation we sought to explore the relationship between social connectedness, family environment, family rituals and body image dissatisfaction in adolescent actors and non actors of both genders. We also sought to examine the possible mediating influence of social connectedness in the relationship between family variables (family environment and family rituals) and body image dissatisfaction. To this purpose, we applied a *Personal Data Questionnaire and Sociodemographic*, the *Contour Drawing Scale* (Thompson & Gray, 1995), the *Family Environment Scale* (Moos & Moos, 1986) and the *Family Ritual Questionnaire* (Fiese & Kline, 1993) to 380 high school students of three schools in Lisbon, a performing arts vocational school and a television producer. The results were found higher levels of social connectedness in girls in the control group as compared with the young actresses. Within the group of actors and the control group, there were no significant gender differences. However, given the two groups, correlations were found more in boys. The social connectedness appeared as a mediator of associations between family variables and body image dissatisfaction, indicating that it contributes to the reduction of dissatisfaction among adolescents. It was also discussed contributions to the research, limitations and future considerations.

**Keywords:** Adolescence, Social Connectedness, Family Environment, Family Rituals, Body Image Dissatisfaction, Performing Arts' Context.

## Índice Geral

<b>Índice de Tabelas.....</b>	<b>vi</b>
<b>Índice de Figuras.....</b>	<b>vii</b>
<b>Capítulo I – Enquadramento Teórico.....</b>	<b>1</b>
1.1. Adolescência.....	1
1.2. Ambiente Familiar.....	2
1.3. Rituais Familiares.....	4
1.3.1. Rituais familiares em famílias com filhos adolescentes.....	6
1.4. <i>Social Connectedness</i> .....	7
1.5. Imagem Corporal.....	9
1.6. Contexto de Artes Performativas.....	12
<b>Capítulo II – Processo Metodológico.....</b>	<b>15</b>
2.1. Enquadramento Metodológico.....	15
2.2. Desenho da Investigação.....	15
2.2.1. Questão Inicial.....	15
2.2.2. Mapa Conceptual.....	16
2.2.3. Objetivos.....	16
2.2.4. Questões de Investigação.....	17
2.2.5. Estratégia Metodológica.....	17
2.2.5.1. Seleção e caracterização da amostra.....	17
2.2.5.2. Instrumentos utilizados.....	18
2.2.5.3. Procedimentos de recolha de dados.....	21
2.2.5.4. Procedimento de análise de dados.....	22
<b>Capítulo III – Apresentação de Resultados.....</b>	<b>23</b>
3.1. Estatística descritiva, diferenças entre sexos e entre grupos.....	23
3.2. Análise das correlações entre as variáveis.....	25
3.3. Estudo da mediação da <i>social connectedness</i> na associação entre rituais familiares e ambiente familiar (coesão, expressividade e conflito) e a insatisfação com a imagem corporal.....	28
3.3.1. Rituais familiares.....	28
3.3.2. Coesão.....	30

3.3.3. Expressividade.....	31
3.3.4. Conflito.....	32
<b>Capítulo IV – Discussão dos Resultados.....</b>	<b>34</b>
4.1. <i>Social Connectedness</i> .....	34
4.2. Variáveis Familiares: Ambiente e Rituais.....	35
4.3. Insatisfação com a Imagem Corporal.....	36
4.4. Correlações entre as variáveis estudadas.....	37
4.5. Mediações da <i>Social Connectedness</i> .....	39
4.6. Contributos para a investigação, limitações e direções futuras.....	40
4.7. Conclusões.....	41
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>43</b>

## **Anexos**

Anexo A – Protocolo completo (parcialmente rasurado)

Anexo B – Pedido de autorização às escolas

Anexo C – Pedido de autorização aos encarregados de educação

Anexo D – Consentimento informado

## Índice de Tabelas

<b>Tabela 1.</b> Estatística descritiva por sexo e grupo e diferenças entre grupos.....	23
<b>Tabela 2.</b> Resultados de diferenças de médias entre rapazes e raparigas, para grupos de atores e controlo, separadamente.....	24
<b>Tabela 3.</b> Correlações entre as variáveis em estudo nos participantes do sexo masculino.....	26
<b>Tabela 4.</b> Correlações entre as variáveis em estudo nos participantes do sexo feminino.....	28
<b>Tabela 5.</b> Efeitos diretos de Rituais Familiares para SC e de SC para Insatisfação....	29
<b>Tabela 6.</b> Estimativa pontual, erro padrão e intervalos de confiança a 95% para os efeitos indiretos da dimensão Rituais Familiares na Insatisfação através da SC.....	29
<b>Tabela 7.</b> Efeitos diretos de Coesão para SC e de SC para Insatisfação.....	30
<b>Tabela 8.</b> Estimativa pontual, erro padrão e intervalos de confiança a 95% para os efeitos indiretos da dimensão Coesão na Insatisfação através da SC.....	30
<b>Tabela 9.</b> Efeitos diretos de Expressividade para SC e de SC para Insatisfação.....	31
<b>Tabela 10.</b> Estimativa pontual, erro padrão e intervalos de confiança a 95% para os efeitos indiretos da dimensão Expressividade na Insatisfação através da SC.....	32
<b>Tabela 11.</b> Efeitos diretos de Conflito para SC e de SC para Insatisfação.....	32
<b>Tabela 12.</b> Estimativa pontual, erro padrão e intervalos de confiança a 95% para os efeitos indiretos da dimensão Conflito na Insatisfação através da SC.....	33

## Índice de Figuras

<b>Figura 1.</b> Mapa conceptual.....	16
<b>Figura 2.</b> Diagrama conceptual ilustrativo dos efeitos do mediador (SC) da associação entre Rituais Familiares e Insatisfação.....	29
<b>Figura 3.</b> Diagrama conceptual ilustrativo dos efeitos do mediador (SC) da associação entre Coesão e Insatisfação.....	31
<b>Figura 4.</b> Diagrama conceptual ilustrativo dos efeitos do mediador (SC) da associação entre Expressividade e Insatisfação.....	32
<b>Figura 5.</b> Diagrama conceptual ilustrativo dos efeitos do mediador (SC) da associação entre Conflito e Insatisfação.....	33

## **I – Enquadramento Teórico**

### **1.1. Adolescência**

A adolescência é uma etapa do desenvolvimento que ocorre desde a puberdade até à idade adulta, sendo um período iniciado pelas mudanças fisiológicas da puberdade (alterações psicobiológicas) e decorrendo até à idade em que um sistema de valores e de crenças se enquadra numa identidade estabelecida (Sampaio, 2002), ou seja, atinge o seu termo com a formação do carácter que marca a entrada na idade adulta. É, pois, um fenómeno único de grandes transformações, sendo um período de transição em que o jovem procura a sua identidade e autonomia.

Atualmente, a puberdade surge de forma mais precoce, pelo que a adolescência se inicia, por sua vez, cada vez mais cedo; por seu lado, a sua conclusão torna-se também mais tardia devido ao prolongamento da escolarização dos jovens e consequente permanência mais alongada em casa dos pais. Neste seguimento, existem inúmeras teorias que pretendem explicar e prever a adolescência, tendo como principal dificuldade conseguir precisar os limites da adolescência, não havendo unanimidade no indicador da idade cronológica e nas características psicossociológicas (Amaral, 1978). Existe algum consenso quanto ao seu início com a puberdade, mas em relação ao seu término a dificuldade em existir concordância aumenta (Medeiros, 2000), devido à inexistência de fatores objetivos; como na nossa cultura não existe um critério único e os encontrados podem variar ao longo da história, defende-se que são os fatores sociais e temporais que marcam a entrada na vida adulta (Claes, 1992).

Ainda assim, vários foram os esforços para tentar delimitar a idade cronológica da adolescência. As fronteiras são flexíveis e embora não existam períodos rígidos, é útil compreender as fases da adolescência, devido às variações que acarretam. A *Society for Research on Adolescence* (SRA) delimitou a adolescência entre os 10 e os 22 anos de idade, subdividindo-a em três fases: inicial (dos 10 aos 15 anos), intermédia (entre os 15 e os 18 anos) e final (dos 18 aos 22 anos), de modo a tornar as suas fases mais definidas (Elliott & Feldman, 1990, citado por Compas, Hinden & Gerhardt, 1995). O início da adolescência caracteriza-se, essencialmente, por alterações a nível físico (puberdade), havendo também um menor envolvimento nas rotinas familiares e maior gosto em estar sozinho. O período médio é marcado em grande parte pelo desenvolvimento de esforços na procura de autonomia e independência; conjuga-se o raciocínio abstrato em desenvolvimento com a tomada de decisões mais realista; e há maior tendência para a

identificação com o grupo de pares. É também neste período que a autoimagem e a autoestima se tornam potenciais fatores decisivos face à possibilidade de comportamentos de risco. O final da adolescência assume-se como a fase da tomada de responsabilidade e papéis de adulto, verificando-se uma progressiva autonomia em relação aos adultos significativos. Aqui aumentam as tentativas de estabelecimento de laços afetivo-sexuais e sociais mais estáveis, e existe uma maior definição do *self*, com consolidação da pertença a grupos ou ideais coletivos (Bizarro, 1999; Pataki, 2009; Sampaio, 2006).

Posto isto, e mais importante do que delimitar as fronteiras da adolescência de forma cronológica ou de acordo com acontecimentos de vida (por exemplo, o casamento ou a entrada no mercado de trabalho), importa caracterizá-la com base num todo que integra, além da idade, as suas modificações inerentes e os contextos onde a interação entre estas variáveis ocorre; é essencial enquadrá-la em âmbitos abrangentes como as características biológicas, psicológicas e sociais (Bizarro, 1999).

Atualmente, vários são os estudos que se têm debruçado sobre o desenvolvimento social do adolescente (relações familiares, extrafamiliares e com a comunidade). Apesar da maioria dos estudos se focar, maioritariamente, nas questões problemáticas da adolescência (há autores que consideram a adolescência como um período de crise ou tensão; e.g., Hall, 1904, cit. por Martins, Trindade & Almeida, 2003), importa salientar o desenvolvimento positivo dos jovens. Um dos fatores protetores dos adolescentes nesta fase do ciclo de vida prende-se com a existência de um ambiente familiar saudável. Por exemplo, Guberman e Manassis (2011) sugerem que a co-ocorrência de ansiedade e depressão na adolescência é frequente, sendo os diagnósticos de comorbilidade nesta fase associados a um ambiente familiar perturbado.

## **1.2. Ambiente Familiar**

Ambiente familiar foi definido por Moos e Moos (1994) como a perceção que cada membro possui da sua família, ou seja, o clima sociofamiliar decorrente dos relacionamentos, crescimento pessoal, organização e controlo do sistema familiar. Estes autores consideram que o ambiente familiar influencia os membros da família, bem como o seu processo de adaptação às diversas situações. No entanto, os indivíduos variam na forma como interpretam e percecionam o seu ambiente familiar, pelo que a

perceção do ambiente é uma fonte significativa de diferenças individuais (Magnussam, 1981, cit. por Saucier, Wilson, & Warka, 2007).

Olson (2000) desenvolveu na sua investigação o modelo Circumplexo do Sistema Conjugal e Familiar, um dos mais estudados e utilizados para diversas investigações (e.g., ciclo vital, estrutura familiar) (Souza, Abade, Silva & Furtado, 2011). Este modelo é particularmente útil para o diagnóstico relacional, uma vez que se foca no sistema e integra três dimensões<sup>1</sup> que são, constantemente, consideradas como relevantes nos modelos familiares e nas abordagens de terapia familiar (Olson, 2000; Olson & Gorall, 2003). Analisando o modelo, é necessário considerar aspetos que podem afetar o ambiente familiar, como por exemplo eventos considerados stressantes pela família, transições nas etapas de desenvolvimento e tensões intrafamiliares (Greeff, 2000). Estas “crises”, por acarretarem a necessidade de transformação e, conseqüentemente, da alteração de padrões de funcionamento, exigem do sistema familiar capacidade de compreender aquilo que a crise solicita e que é, de facto, alguma alteração do modelo relacional existente (Minuchin, 1979, cit. por Alarcão, 2002). Estes aspetos caracterizam, assim, as várias etapas do ciclo vital da família, podendo conduzir a variações nos níveis da adaptabilidade e coesão.

Também Moos e colaboradores (1976, cit. por Santos & Fontaine, 1995), a partir de um estudo aprofundado sobre o ambiente familiar em diferentes contextos socioeconómicos, desenvolveram a Family Environment Scale (FES). Este instrumento permite avaliar o ambiente familiar em três domínios: Crescimento Pessoal, que representa os tipos de interesses, objetivos e atividades familiares; Manutenção do Sistema, que se refere à estrutura, organização e às normas de planeamento da vida familiar; e Qualidade das Relações Interpessoais, que enfatiza a natureza/qualidade das relações interpessoais familiares (Kronenberger & Thompson, 1990). No domínio da Qualidade das Relações Interpessoais estão integradas as subescalas coesão, expressividade e conflito. A coesão diz respeito ao grau de compromisso, ajuda e suporte entre os membros da família; a expressividade refere-se ao incentivo da expressão emocional; e o conflito descreve os conflitos expressos abertamente (Beyers & Seiffge-Krenke, 2007; Kalavana et al., 2010).

---

<sup>1</sup> As três dimensões que constituem o modelo Circumplexo são a coesão (ligação emocional estabelecida entre os membros de uma família); a adaptabilidade ou flexibilidade (que avalia a capacidade do sistema familiar mudar a sua estrutura de poder, as regras e o papel das relações em resposta a uma situação de stress situacional e de desenvolvimento); e a comunicação (que permite facilitar o movimento das outras duas dimensões) (Olson & Gorall, 2003).

Na fase da adolescência, o ambiente familiar adquire um especial enfoque como promotor da identidade (Street, Harris-Britt & Walker-Barnes, 2009) e como potenciador da adaptação imediata e a longo prazo na idade adulta (Beyers & Seiffge-Krenke, 2007). Em particular, no que respeita à dimensão da Qualidade das Relações Interpessoais, os níveis de conflito e de coesão são variáveis importantes na previsão do ajustamento psicológico dos adolescentes (Street, Harris-Britt & Walker-Barnes, 2009). Ao nível do interesse dos adolescentes por atividades sociais foi encontrada uma relação positiva com esta dimensão das Relações Interpessoais (Leak & Williams, 1991).

Deste modo, e como já foi referido anteriormente, a adolescência é considerada como um período de tensão, pelo que um ambiente familiar funcional favorecerá esta fase do ciclo de vida, caracterizada pela mudança, e facilitará uma melhor adaptação às situações. Neste sentido, também a prática de rituais familiares favorece o ambiente familiar, surgindo do mesmo modo como um fator protetor para os adolescentes nesta fase. Por exemplo, Fulkerson, Story, Mellin, Leffert, Ncumark-Sztainer e French (2006, cit. por Crespo, 2011) sugerem que o facto de os adolescentes participarem nas refeições familiares está associado a uma redução numa vasta gama de resultados negativos, como abuso de drogas e ideação suicida.

### **1.3. Rituais Familiares**

Os rituais familiares estão no centro da vida familiar, e o interesse nestes tem aumentado devido aos seus meios poderosos de promover a mudança na família e na marcação de transições importantes na vida familiar (Fiese & Kline, 1993).

Vários são os autores que investigam este tema (e.g., Fiese, 2006), e as pesquisas muitas vezes usam os termos rotinas e rituais alternadamente, mas é importante fazer a distinção entre eles. Rotinas são interações padronizadas de comportamento repetido ao longo do tempo, enquanto os rituais envolvem não só a prática de rotinas mas também a representação e as crenças sobre a identidade da família (Crespo et al., 2008).

As rotinas e os rituais estão entrelaçados nos eventos da família, contudo, podem contrastar ao longo das dimensões da comunicação, do compromisso e da continuidade (Fiese et al., 2002). A comunicação das rotinas é instrumental, a linguagem é direta, implica ação e inclui, frequentemente, designação de papéis (atribuição de tarefas), envolvem um compromisso de tempo momentâneo, pelo que, quando as rotinas são interrompidas, talvez seja um contratempo (Fiese, 2006; Spagnola & Fiese, 2007). Por

outro lado, os rituais envolvem comunicação simbólica e definem os elementos da família como um grupo e quem são enquanto grupo, têm uma linguagem multifacetada (o que pode parecer vulgar para alguém exterior ao grupo, pode ser denso de significado para os membros da família). O compromisso afetivo dos rituais fornece sentimentos de pertença, pelo que, quando os rituais são interrompidos, há uma ameaça na coesão do grupo e não apenas um contratempo (o não comparecimento num evento familiar importante, como um casamento, pode indicar uma mudança nas alianças familiares, por exemplo) (Fiese, 2006). Rituais familiares são, pois, atos simbólicos codesenvolvidos pela família (Crespo, 2011), que envolvem comunicação com significado simbólico, estabilidade e perpetuam a compreensão do que significa ser membro do grupo (Spagnola & Fiese, 2007). São, portanto, muito importantes por proporcionarem união e coesão, fortalecimento das relações familiares, trocas emocionais, sentido de segurança e estabilidade, permitindo manter o contacto com a família. No entanto, também acarretam desvantagens como o facto de envolverem tempo considerável e trabalho, além de poderem provocar conflitos familiares (Fiese et al., 2002).

Os terapeutas familiares têm apresentado diversas tipologias para a caracterização de rituais. Wolin e Benett (1984, cit. por Crespo et al., 2008) identificaram três tipos de rituais familiares: celebrações familiares (que correspondem a ocasiões ligadas às transições familiares do ciclo de vida, como casamentos, funerais e celebrações anuais, como o Natal e o Ano Novo), tradições familiares (incluem rituais únicos a cada família como reuniões familiares, aniversários e férias) e interações padrão (referem-se às interações da vida diária familiar no quotidiano, como a hora de jantar e a hora de deitar para as crianças) (Crespo, 2011).

Por seu lado, Robert (2003, cit. por Fiese, 2006) enumerou seis maneiras em que as famílias praticam os rituais nas suas vidas diárias: subritualizado, rigidamente ritualizado, ritualização enviesada, rituais ociosos (vazios), rituais interrompidos e rituais flexíveis ou adaptativos. As famílias podem “cair” numa ou em mais categorias e as tipologias podem mudar dados os diferentes fatores stressores ou a duração das transições (como nos casamentos ou divórcios) (Fiese, 2006).

Outra tipologia para os rituais inclui também as rotinas. Podem, então, identificar-se quatro tipos de rituais que variam das combinações de rotinas previsíveis observáveis e do significado simbólico dos rituais. Deste modo, temos: o ritual caótico (baixo significado simbólico dos rituais com baixas rotinas – por exemplo, não há uma ordem

previsível durante a refeição e as trocas entre os membros são marcadas por um afeto negativo forte ou por uma tentativa de controlar a expressão emocional positiva); o rígido e oco (baixo significado simbólico dos rituais e elevadas rotinas – há um forte ênfase na ordem e nas rotinas, com ausência de ligação emocional, predomina o controlo e o afeto negativo); o flexível e variável (elevado significado simbólico dos rituais e baixas rotinas – o afeto é relativamente bem modelado, há uma mudança no fluxo de conversas que permite que todos participem ao seu próprio nível e à sua própria maneira); e o enriquecido (elevado significado simbólico dos rituais e elevadas rotinas – é permitido às crianças explorarem o significado simbólico do que significa possuir características particulares que podem ser compartilhadas entre os membros da família e têm a oportunidade de explorar os seus medos e ansiedades sem a preocupação de sofrerem retaliações ou de ser dito para ficarem quietas) (Fiese, 2006).

Nas últimas décadas, o tema dos rituais tem cativado investigadores e terapeutas na área da família. O facto de este tema estar intimamente ligado ao tempo passado em família (escasso atualmente e por isso mais valorizado) é uma das razões para esse interesse (Crespo, 2011). Existem, pois, vários caminhos para se proceder à avaliação dos rituais familiares: questionários (e.g., Family Ritual Questionnaire – Fiese e Kline, 1993), entrevistas (e.g., Family Ritual Interview – Wolin, Bennett & Jacobs, 2003, cit. por Fiese, 2006) e observação directa (e.g., interação na hora de jantar) (Spagnola & Fiese, 2007).

### **1.3.1. Rituais familiares em famílias com adolescentes**

A forma como as famílias organizam e experienciam os rituais familiares difere consoante os seus estágios de desenvolvimento, ou seja, indivíduos em diferentes fases do desenvolvimento (ciclo vital da família) também possuem diferentes papéis nos rituais praticados. Uma das principais tarefas das famílias com adolescentes prende-se com a mudança das relações pais-filhos, para permitir que os adolescentes se movam dentro e fora do sistema familiar, exigindo uma maior flexibilidade dos limites familiares (Carter & McGoldrick, 1998, cit. por Crespo et al., 2011). Nesta transformação, os pais perdem alguma autoridade e sentem-se menos solicitados, no entanto, os adolescentes ao aceitarem que também precisam dos pais têm mais hipóteses de se tornarem autónomos e de alcançar a sua verdadeira identidade (Alarcão, 2002). Outra importante tarefa passa pela gestão do equilíbrio entre autonomia e integração familiar do adolescente (Crespo, 2011), verificando-se a flexibilidade que é exigida pelo

“vai-e-vem” do adolescente entre interior/exterior do sistema e pelos avanços e recuos na autonomia por ele protagonizados (Relvas, 2004). Esta autonomia (e independência) acontece, não como forma de rutura ou isolamento em relação à família, mas antes como autorresponsabilização e afirmação de si (Relvas, 2004).

De facto, o tempo que os adolescentes passam com a família diminui à medida que se tornam mais velhos, e mais envolvidos em atividades fora da família e mais próximos dos pares. Mas, apesar disso, os adolescentes não só querem as suas famílias por perto, como também continuam a beneficiar de uma ambiente familiar coeso e solidário (Crespo et al., 2011), contrariando a ideia de que os adolescentes “fogem” do tempo em família. Os rituais familiares contribuem para a construção da sua identidade, para a sua adaptação à escola e para o seu bem-estar psicológico em geral. Além disso, ajuda-os a começar a delinear que tipo de “ritualizadores” quererão ser no futuro (Crespo, 2011). Deste modo, a adolescência não implica a exclusão ou extinção dos rituais, verifica-se, no entanto, uma maior influência por parte dos pares neste período.

#### **1.4. *Social Connectedness*<sup>2</sup>**

As pessoas passam grande parte do tempo a manter as relações de amizade existentes, a desenvolver novas relações, a participar em atividades de grupo, a evitar estigmas sociais. Estas experiências sociais refletem as tentativas diárias dos indivíduos em satisfazer e manter as suas necessidades de pertença (Lee & Robbins, 1995, 2000). Estas necessidades e o sentido de ligação ao mundo social começam a emergir durante a adolescência, estendendo-se para a vida adulta. Lee e Robbins (1995, 1998) utilizaram a expressão *social connectedness* para designarem este conceito, que definiram como a consciência subjetiva de estar numa relação próxima com o mundo social. Esta experiência de proximidade social inclui, assim, relacionamentos próximos e distais com a família, amigos, colegas, conhecidos, desconhecidos, com a comunidade e a sociedade (Lee & Robbins, 2000). *Social connectedness* explora, assim, os aspetos que Kohut (1984, cit. por Lee & Robbins, 1995, pp. 239) descreveu como um “sentimento intenso e penetrante de segurança” e no sentido de ser “humano entre os humanos”.

---

<sup>2</sup> Dada a inexistência de uma tradução fidedigna, na presente investigação manter-se-á a expressão original que pretende designar um sentido de pertença e de proximidade com o mundo social (Lee & Robbins, 1995, 1998).

A adolescência representa, então, um período crítico de desenvolvimento para o estabelecimento de *social connectedness* (Lee & Robbins, 1995), dado o maior envolvimento e interesse em estabelecer relações sociais. Os pares oferecem, pois, oportunidades genuínas de crescimento, contribuem para o processo de autonomia e para o desenvolvimento da identidade (Soares, 1996).

Nesta fase, as relações de amizade com os pares (desenvolvidas a três níveis: diádico, romântico e de grupo; Brown, 2004) representam uma forma particular de relacionamento interpessoal que se baseia no compromisso e na reciprocidade (Newcomb & Bagwell, 1995) entre indivíduos que se consideram semelhantes a vários níveis (e.g., aspirações, desenvolvimento cognitivo, emocional e social em que se encontram; Scholte & Aken, 2006). Estas relações baseiam-se, pois, numa maior horizontalidade e igualdade no que se refere a conhecimento e nível de sociabilidade quando comparadas com as relações que os adolescentes têm com os pais.

Cordeiro (2006) afirma que a formação da amizade pode ser entendida como um processo de atração interpessoal através do qual os indivíduos se sentem inclinados a associar-se com outros, nos quais antecipam maior aceitação, apoio emocional, ou identidade de características de personalidade, capacidade, interesses e valores. Neste sentido, indivíduos com altos níveis de *social connectedness* são capazes de gerir melhor as suas próprias necessidades e emoções por meio de processos cognitivos (e.g., por autoavaliação e/ou comparação social). De facto, estes indivíduos são capazes de entrar em situações sociais e prontamente identificar-se e participar com outras pessoas. Por outro lado, indivíduos com baixos níveis de *social connectedness* são incapazes de gerir eficazmente as suas necessidades e sentimentos e são mais propensos a uma baixa autoestima, ansiedade e depressão (Lee & Robbins, 1998). Vários estudos referem existir também correlações negativas entre *social connectedness* e solidão (e.g., Lee & Robbins, 1995; Chen & Chung, 2007).

As relações de amizade, nas quais os jovens possuem uma boa rede social, levam a que estes manifestem mais sentimentos de proximidade e reciprocidade, e preencham necessidades específicas de segurança e suporte emocional. Assim, a autoestima parece ser uma variável altamente associada às perceções que os adolescentes têm das suas relações com os pares (Paterson, Pryor & Field, 1995, cit. por Harter, 1999).

Neste sentido, e devido à importância que o grupo de pares/amigos assume (funcionando como catalisador do crescimento individual do adolescente), o jovem distancia-se um pouco da família, o que estará relacionado com a sua progressiva

autonomia face a esta. Visto ser na adolescência que estas relações de pares e a pressão exercida por eles se torna mais evidente (Sullivan, 1953, cit. por Lieberman, Gauvin, Bukowski & White, 2001), considera-se, pois, que os pares tenham um papel fundamental também na insatisfação com a imagem corporal (especialmente em contextos onde o peso e a aparência são valorizados) (Lieberman et al., 2001). Por sua vez, também a imagem corporal pode afetar de modo diferente as relações com os pares do mesmo sexo e do sexo oposto, devido à diferença qualitativa na natureza das relações durante a adolescência (Davidson & McCabe, 2006).

### **1.5. Imagem Corporal**

A imagem corporal desenvolve-se e altera-se com o avançar da idade, com o processo de maturação decorrente das experiências pessoais, das normas culturais e das relações com os outros. Com o início da puberdade, as mudanças no corpo alteram a sua forma e peso, sendo também durante este período que as percepções e reflexões sobre a forma do corpo vão aumentando de importância, especialmente entre adolescentes do sexo feminino. Neste sentido, na adolescência as mudanças físicas não afetam só os comportamentos dos jovens, mas também o desenvolvimento social e emocional. Os adolescentes experienciam desenvolvimentos físicos críticos que se associam a mudanças na sua auto-percepção, comportamento e expectativas face aos outros ou mesmo ao seu próprio humor (Sprinthal & Collins, 2003).

Schilder (1950, cit. por Fisher, 1990), um dos primeiros autores a definir o conceito de imagem corporal, considera que esta pode ser entendida como a imagem do corpo formada na mente do indivíduo, ou seja, o modo como o corpo se apresenta para o indivíduo, envolvido pelas sensações e experiências imediatas. A imagem corporal refere-se, pois, à autoavaliação da aparência e forma do próprio corpo (Banitt et al., 2008). Outros autores consideram a imagem corporal como um constructo com múltiplas facetas, integrando uma variedade de dimensões mensuráveis (Thompson, 2004), que se desenvolve por meio de pensamentos, sentimentos e percepções acerca da própria aparência geral, das partes do corpo e das estruturas e funções fisiológicas (Hart, 2003). Para Cash e Pruzinsky (1990), a imagem corporal é uma experiência personalizada e subjetiva, que depende de fatores pessoais ou exteriores compreendendo duas componentes: perceptiva (desenho mental do corpo) e subjetiva (juízos, sentimentos e atitudes face ao corpo). Deste modo, a imagem corporal é considerada uma

idealização multidimensional que engloba pensamentos, percepções, sentimentos e atitudes acerca do corpo, e não é considerada estática ou fixa.

As informações que obtemos das diferentes áreas de fornecimento de informação que fazem parte da sociedade (como por exemplo, *mass media*, publicidade, novas tecnologias) são apreendidas como uma parte do nosso corpo e que depois são incorporadas na imagem corporal (relação corpo/realidade). Daqui resulta que a nossa imagem corporal é influenciada pela realidade social da qual faz parte, e também pela percepção que cada um tem dessa realidade (Barros, 2005). Nesta linha de pensamento, pode-se classificar como causas geradoras das alterações da percepção da imagem corporal (em especial para o sexo feminino) fatores sociais, influências socioculturais (cultura e nível socioeconómico), pressões dos *media* e a busca incessante por um padrão de corpo ideal, associados às realizações de cada indivíduo.

Também o sexo tem sido reconhecido como uma varável a ter em conta ao nível da satisfação com a imagem corporal (e.g., Cash & Pruzinsky, 1990). De facto, preocupações com a imagem e peso corporal são comuns maioritariamente nas mulheres. Corroborando esta ideia, vários estudos populacionais, envolvendo ambos os sexos, têm documentado que a maioria das adolescentes e mulheres jovens se mostram insatisfeitas com a sua imagem corporal (embora só uma minoria esteja realmente com excesso de peso) (Fleitlich, 1997), e quando comparadas com o sexo masculino mostram-se mais insatisfeitas (Cash & Pruzinsky, 1990). No entanto, o ideal cultural, para os rapazes, acentua cada vez mais a importância das atividades de *fitness* e do corpo em forma de “V” e medianamente musculado, verificando-se um aumento na preocupação destes com a imagem corporal.

A Psicologia do Desenvolvimento tem mostrado que, na adolescência inicial, existe uma autoconsciência aumentada e uma preocupação marcada com a visão que os outros têm do seu corpo, devido à tendência para estarem autovigilantes e sensíveis aos julgamentos que imaginam que eles possam fazer (Dacey & Kenny, 1994). Os adolescentes estão, pois, particularmente preocupados com a sua aparência física pois é, também, durante este período que começam a ter relacionamentos com o sexo oposto, o que aumenta o contacto físico e, portanto, a exposição do seu corpo à avaliação dos outros (Barbosa, 2008). Nesta fase, por vezes, os adolescentes têm problemas da distorção da sua imagem corporal, autopercecionando-se menos atrativos do que na realidade o são, ou seja, a resistência à mudança (alterações corporais devidas à puberdade), a incapacidade ou dificuldade em produzir uma nova imagem de si e em se

adaptar à mesma, podem induzir um sentimento negativo ou inadequado entre o corpo imaginário (ideal) e o corpo real (Vasconcelos, 1995). Cash (1990), refere que o sexo feminino adolescente é aquele que faz uma avaliação mais negativa acerca de si. O autor acrescenta, ainda, que a estética e a aparência corporais afetam o modo como os outros indivíduos nos veem e a forma como podemos ser tratados.

Assim, num contexto envolto e referenciado pelos pares na adolescência, o *feedback* social em relação à aparência pode ter um impacto importante na formação da imagem corporal, seja pela comparação entre pares, seja pelo egocentrismo característico da adolescência. Por exemplo, o ser gozado pelo grupo de pares está fortemente associado à insatisfação com a imagem corporal (Levine, Smolak & Hayden, 1994, cit. por Vicent & McCabe, 2000).

Perante o carácter multidimensional do conceito de imagem corporal, os procedimentos para a sua avaliação resultam numa falta de clareza conceptual, nomeadamente ao nível da construção da imagem corporal. Existem várias técnicas e métodos de avaliação dos diferentes conceitos relacionados com o corpo (Vasconcelos, 1995), contudo, têm-se centrado maioritariamente na avaliação da aparência física (desta componente da imagem corporal pode-se obter informações acerca do sexo e da idade através da observação) (Cash, 1990). Neste sentido, a avaliação da imagem corporal é, na generalidade, realizada tendo em conta duas componentes relacionadas com a aparência: a componente perceptiva e a componente subjetiva (Cash & Pruzinsky, 1990). Assim, um dos métodos mais utilizados para avaliar o nível de satisfação com a imagem corporal é o método das silhuetas (Thompson & Gray, 1995).

Vários estudos mostram que a satisfação com a imagem corporal está fortemente ligada à autoestima de um indivíduo (e.g., Cash, 2002), sendo que, por sua vez, também os rituais familiares se mostram capazes de fomentar o bem-estar físico e psicológico e um ajustamento psicossocial da família (Kiser et al., 2005, cit. por Lind, 2008). Verifica-se que estes eventos promovem, também, uma maior competência parental, melhor adaptação social, saúde e desempenho escolar em crianças e adolescentes, e ainda uma melhor harmonia entre pais e filhos (Fiese et al., 2002). Com efeito, foi encontrada uma relação entre a qualidade das relações familiares e a dieta ou imagem corporal nas adolescentes, estando um ambiente familiar negativo, conflituoso, pouco coeso e expressivo, associado a preocupações alimentares e à dieta (e.g., Calam et al., 1990; Steiger et al., 1991; Byely et al., 2000, cit. por Barbosa, 2001). Também a modelagem das atitudes e comportamentos dos pais se relaciona com a imagem

corporal, segundo Ricciarelli, McCabe e Sophie (2000), sendo que tanto os pais como as mães podem atuar como modelos e reforçadores sociais em relação aos métodos de mudança da imagem corporal, bem como dos comportamentos alimentares a adotar.

Assim, a percepção de uma relação familiar negativa, as pressões (diretas ou indiretas), particularmente da mãe, para perderem peso ou comentários acerca da aparência dos filhos, parecem predizer comportamentos de dieta restritivos, insatisfação corporal e preocupação com a imagem corporal (Barbosa, 2001).

Deste modo, a imagem corporal é influenciada pelos padrões estipulados pela sociedade e pela cultura que nos rodeia, bem como pela família e experiências individuais.

### **1.6. Contexto de Artes Performativas**

O contexto das artes performativas tem-se revelado de uma enorme competitividade e instabilidade. Em vez de seguir um caminho estável, que envolva passos claros e objetivos específicos, no caso particular dos atores, estes experienciam as suas carreiras como uma “lotaria”, dependendo em última instância da sorte (Hays, Brown & Charles, 2004). Debatem-se, pois, por encontrar trabalho estável e apenas alguns conseguem alcançar o “estrelato” e a fama. O *stress* sentido na procura de um novo trabalho, aquando do término de uma peça, aumenta, dada a competição existente no meio pela procura de papéis para representar (Bureau of Labor Statistics, 2010). Esta experiência competitiva começa nos primeiros níveis de representação e continua ao longo da carreira de um artista (Hays, Brown & Charles, 2004).

Também devido aos rendimentos irregulares, alguns atores trabalham noutros campos para se poderem sustentar; suportam, pois, longos períodos de desemprego na área da representação, a competição por papéis e frequentes rejeições em audições. Assim, ser criativo para ser capaz de desempenhar diferentes personagens e possuir uma vasta gama de habilidades como cantar, dançar, patinar, fazer acrobacias ou malabarismos pode ser útil e decisivo na conquista de um papel (Bureau of Labor Statistics, 2010).

Outro aspeto importante diz respeito ao passar do tempo, já que nas artes performativas são tratados de forma diferenciada os mais novos e os mais velhos, os homens e as mulheres. As investigações de cariz sociológico, realizadas nesta área, corroboram esta ideia descrevendo como a idade e o género podem ser decisivas em

diferentes fases das trajetórias da carreira dos artistas. Por exemplo, Menger (1997, cit. por Borges, 2008) considera que a idade é uma “porta de entrada” importante para as mulheres, em particular no caso do teatro e da televisão, pois, quanto mais jovens, mais acumulam trabalhos de representação no teatro e contratos na televisão.

Deste modo, Hays e colaboradores (2004) identificaram três stressores em particular que afetam mais os artistas do espetáculo: a longevidade das suas vidas profissionais, questões financeiras e o uso de substâncias ilegais ou prescritas.

Existe um vasto leque de opções onde os atores, em particular, podem atuar, como é o caso da televisão, do teatro, do cinema ou mesmo em produções fotográficas. A aparência física e a imagem tornam-se assim de extrema importância, funcionando, principalmente neste meio, como um “cartão-de-visita”. Também aqui a competição e o desejo por conseguir um papel, assim como a elevada exposição e reconhecimento (em certos casos) leva os atores a fazerem um maior investimento na sua imagem e a terem uma maior preocupação com o corpo.

Estudos referem que os meios de comunicação social são acreditados para incentivar as jovens a formar ideais do corpo exageradamente magro, que se tornam inatingíveis para a maioria das adolescentes (Field, Camargo, Taylor, Berkey, Roberts & Colditz, 2001). Field e colaboradores (2001) referem também que tanto os meios de comunicação como as influências familiares levam a preocupações com o peso e práticas de controlo de peso entre pré-adolescentes e adolescentes. Por outro lado, Csikszentmihaly, Rathunde e Whalen (1993, cit. por Hankes, 2009) concluíram que a família é a geradora de maior influência. Os pais podem dar incentivo, inculcar disciplina e funcionar como fonte de suporte para os filhos artistas. Crianças que experimentam uma sensação de apoio e consistência, que são encorajadas a prosseguir novos desafios e oportunidades, beneficiam dos melhores estimuladores de desenvolvimento de talentos. No caso específico dos atores, num estudo nacional realizado por Borges (2008), 24% dos inquiridos referiram ter familiares próximos que exerciam ou exerceram uma profissão artística.

Atendendo ao exposto, no presente estudo considerou-se particularmente pertinente investigar, não só as relações existentes entre o ambiente familiar, os rituais familiares, a *social connectedness* e a (in)satisfação com a imagem corporal na população de adolescentes em geral, como também averiguar possíveis diferenças entre adolescentes atores e não atores, consoante o sexo. Sabe-se que as raparigas atribuem

maior importância à imagem corporal, sentindo-se frequentemente mais insatisfeitas com o corpo do que os rapazes. Será assim também no caso dos jovens atores? É também do conhecimento geral que os atores passam muitas horas a gravar ou a ensaiar, sobrando muitas vezes pouco tempo para o “tempo em família”. Serão os rituais familiares afetados por este estilo de vida? E o ambiente familiar? A interligação entre estes aspetos tem vindo a ser estudada, no entanto, é escassa a informação relativa ao contexto das artes performativas, em particular relativamente aos atores, pelo que se torna essencial estudar também a existência de possíveis diferenças neste contexto.

## II – Processo Metodológico

### 2.1. Enquadramento Metodológico

A presente investigação constituiu um estudo transversal correlacional, desenvolvido através de um processo metodológico quantitativo, e é baseada no paradigma pós-positivista. Segundo Guba e Lincoln (1994), este paradigma insere-se numa visão ontológica de acordo com o Realismo Crítico de Cook e Campbell (1979, cit. por Guba & Lincoln, 1994). Considera, pois, a existência de uma realidade real que apenas pode ser apreendida de um modo imperfeito e probabilístico, quer devido às falhas inerentes aos mecanismos intelectuais humanos, quer pela natureza complexa do objeto de estudo. A nível epistemológico, o paradigma pós-positivista assume uma perspetiva não dualista mas objetivista, i.e., considera que os resultados obtidos reproduzem, provavelmente, a realidade, embora de um modo meramente aproximado. Por fim, a investigação assume uma posição metodológica experimental e manipulativa, colocando ênfase na falsificação de hipóteses mais do que na sua verificação (Guba & Lincoln, 1994).

### 2.2. Desenho da Investigação

Esta investigação enquadra-se no âmbito de um projeto mais amplo, desenvolvido em conjunto entre a Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FPUL) e a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (FPCE-UC) intitulado “*Os palcos da adolescência e os outros significativos: Que influência no bem-estar dos jovens portugueses?*”. Este projeto tem como objetivo compreender a forma como os jovens portugueses se relacionam com os seus diferentes contextos de vida (família, escola, amigos, etc.) e identificar fatores que possam contribuir para a sua saúde e bem-estar.

#### 2.2.1. Questão Inicial

Dado o carácter correlacional do estudo, formulou-se a seguinte questão inicial:

Qual a relação existente entre *social connectedness*, ambiente familiar, rituais familiares, e insatisfação com a imagem corporal dos adolescentes atores e não atores, de ambos os sexos?

## 2.2.2. Mapa Conceptual

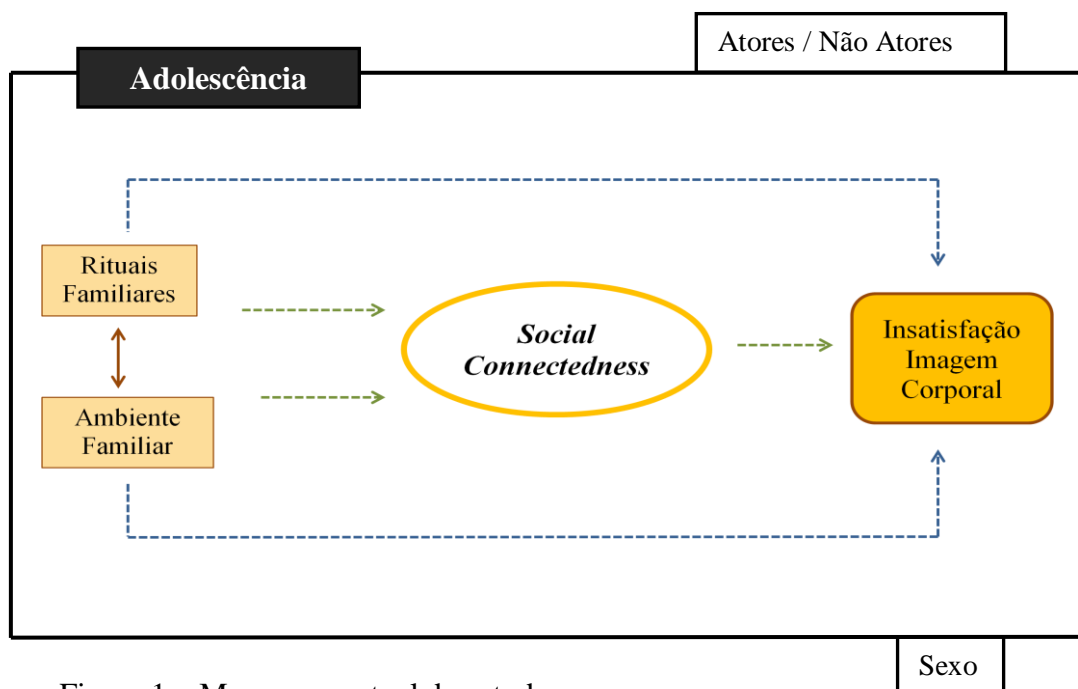


Figura 1 – Mapa conceitual do estudo

## 2.2.3. Objetivos

Considerando o contexto das artes e da representação um contexto no qual se atribui uma maior importância à imagem corporal, e de modo a responder à questão inicialmente colocada, estabeleceram-se os seguintes objetivos:

- Averiguar possíveis diferenças de sexo e diferenças entre o grupo de adolescentes atores e não atores nas variáveis em estudo;
- Investigar a relação entre a *social connectedness*, o ambiente familiar, os rituais familiares e a insatisfação com a imagem corporal;
- Analisar a possível influência mediadora da *social connectedness* na relação entre as variáveis familiares (rituais familiares e ambiente familiar) e a insatisfação com a imagem corporal dos adolescentes.

#### 2.2.4. Questões de Investigação

1) Que diferenças existem entre o grupo de atores e não atores, em função do sexo dos adolescentes, nas variáveis em estudo?

2) Qual a relação existente entre a *social connectedness* e a insatisfação com a imagem corporal dos adolescentes atores e não atores, em função do sexo?

3) Qual a relação existente entre o ambiente familiar (coesão, expressividade e conflito) e a insatisfação com a imagem corporal dos adolescentes atores e não atores, em função do sexo?

4) Qual a relação existente entre os rituais familiares e a insatisfação com a imagem corporal dos adolescentes atores e não atores, em função do sexo?

5) Que influência terão a *social connectedness*, o ambiente familiar (coesão, expressividade e conflito) e os rituais familiares na insatisfação com a imagem corporal na adolescência? Existem diferenças nesta relação entre atores e não atores?

6) Será a *social connectedness* mediadora da influência das variáveis familiares (rituais familiares e ambiente familiar) na insatisfação com a imagem corporal?

#### 2.2.5. Estratégia Metodológica

##### 2.2.5.1. Seleção e caracterização da amostra

A amostra foi recolhida em três estabelecimentos de ensino secundário da zona da Grande Lisboa, num estabelecimento de ensino profissionalizante de artes e espetáculo e através de uma produtora de televisão.

A amostra final constituiu-se por 380 adolescentes, de ambos os sexos (51.3% do sexo masculino), tendo idades compreendidas entre os 14 e os 23 anos ( $M = 16.48$  anos,  $DP = 1.50$ ). Desta amostra 13.7% ( $n = 52$ ) dos adolescentes são atores.

O grupo de atores é constituído por 51.9% de jovens do sexo masculino, sendo a média das idades de 18 anos ( $DP = 2.11$ ). Quanto à constituição familiar, 36.5% dos atores é proveniente de uma família nuclear intacta, 28.8% vive com colegas, 15.4% provém de família reconstruída, 13.5% de família monoparental, 1.9% de família alargada, 1.9% vive com a fratria, e 1.9% dos indivíduos vive sozinho; relativamente ao nível socioeconómico das famílias destes jovens, 44.2% usufruem de um nível socioeconómico médio, 32.7% de um nível socioeconómico médio-alto e alto, e 23.1% usufruem de um nível socioeconómico baixo.

Relativamente ao grupo de controlo, constituído pelos adolescentes não atores, dos 328 indivíduos, 51.2% são do sexo masculino, sendo a média das idades de 16.23 anos (DP = 1.22). Quanto à caracterização do grupo de acordo com as variáveis sociodemográficas já referidas anteriormente: relativamente à constituição familiar, 61.6% dos indivíduos é proveniente de família nuclear intacta, 19.2% de família monoparental, 13.4% de família reconstruída, 3% de família transgeracional, 0.6% de família alargada, 0.3% de família de acolhimento, 0.3% vive com a fratria e 0.3% vive com colegas; em relação ao nível socioeconómico, 42.1% usufruem de um nível socioeconómico médio, 41.5% de um nível socioeconómico médio-alto e alto, e 15.9% dos indivíduos usufruem de um nível socioeconómico baixo.

#### **2.2.5.2. Instrumentos utilizados<sup>3,4</sup>**

Neste estudo, os participantes preencheram individualmente um protocolo com diversos questionários de autorrelato, entre os quais um Questionário de Dados Pessoais e Sociodemográficos, a *Social Connectedness Scale – Revised*, a *Contour Drawing Rating Scale*, a *Family Environment Scale* (dimensão Relações Interpessoais) e o *Family Ritual Questionnaire*.

##### ***Questionário de Dados Pessoais e Sociodemográfico***

Este questionário, construído especificamente para esta investigação, tem como objetivo recolher dados pessoais e sociodemográficos dos participantes, nomeadamente: sexo, idade, ano de escolaridade, profissão e nível de escolaridade dos pais.

##### ***Social Connectedness Scale – Revised*** (SCR-R; Lee, Draper & Lee, 2001)

A SCS-R é uma escala utilizada com o objetivo de medir a *social connectedness*, definida por Kohut (1984) como sendo uma característica que reflete cognições interpessoais de proximidade do próprio face ao mundo social (Lee, Draper & Lee, 2001). Esta versão revista é constituída por 20 itens, dos quais 10 foram formulados negativamente (e.g. “*não me sinto ligado(a) à maioria das pessoas*”) e os restantes

---

<sup>3</sup> Os instrumentos utilizados inserem-se no protocolo de uma investigação mais alargada, pelo que além dos instrumentos referidos para o presente estudo, integram ainda o protocolo de investigação a Coping & Resilience – C&R (Youth Connectedness Project, 2006; versão portuguesa Crespo & Francisco, 2011), a escala da Satisfação Com a Vida – SCV (Diener et al., 1985; versão portuguesa Neto, 1993), e a Escala de Ansiedade e Depressão Hospitalar – EADH (Snaith & Zigmond, 1994; versão portuguesa Pais-Ribeiro et al., 2006).

<sup>4</sup> O protocolo completo (parcialmente rasurado) encontra-se no ANEXO A.

formulados positivamente (e.g. “*integro-me bem em situações novas*”). Os itens são respondidos numa escala de Likert de 6 pontos (na qual o participante elege uma das respostas alternativas: (1) *Discordo totalmente*, (2) *Discordo*, (3) *Discordo moderadamente*, (4) *Concordo moderadamente*, (5) *Concordo*, e (6) *Concordo totalmente*). A pontuação média da escala, com um intervalo possível de 1 a 6, é calculada dividindo a pontuação total da escala por 20 (número de itens da escala). Pontuações elevadas na SCS-R refletem um forte sentido de *social connectedness*.

Na presente investigação foi utilizada uma versão portuguesa (Francisco, Crespo, Dias, Malaquias & Rocha, 2011), revelando um elevado nível de consistência interna da escala ( $\alpha = .90$ ).

#### ***Contour Drawing Rating Scale*** (CDRS; Thompson & Gray, 1995)

A CDRS é uma escala constituída por 9 desenhos de contornos de corpos masculinos e femininos. As figuras estão ordenadas de forma sequencial da menos para a mais volumosa (i.e., da figura 1 que representa um “*corpo muito magro*” para a figura 9 que representa um “*corpo muito gordo*”).

Após observar as diferentes figuras, é pedido a cada participante que selecione a figura que mais se aproxima da sua aparência atual e a figura que se aproxima mais da aparência que considera ser a ideal (“*A figura que mais se identifica com a minha aparência atual tem o número \_\_\_*” e “*A figura que mais se identifica com o que considero ser a aparência ideal tem o número \_\_\_*”). A discrepância entre estas duas respostas indica o nível de insatisfação com a imagem corporal:

- Discrepância com valor 0 indica satisfação com a imagem corporal atual;
- Discrepância com valores positivos (entre 1 e 9) indica insatisfação com a imagem corporal com idealização de uma figura mais volumosa;
- Discrepância com valores negativos (entre -9 e -1) indica insatisfação com a imagem corporal atual, tendo como idealização pretendida uma figura menos volumosa.

No presente estudo, considerou-se o valor da discrepância em termos absolutos, enquanto indicador de insatisfação com a imagem corporal (independentemente de a idealização ser no sentido de uma figura mais ou menos volumosa), sendo que este indicador foi transformado numa variável dicotómica em que zero corresponde a “satisfação” e 1 a “insatisfação”. Utilizou-se a versão portuguesa de CDRS que apresentou bons resultados nos estudos psicométricos (Francisco, Narciso & Alarcão, *in press*). A validade de constructo da versão portuguesa foi estabelecida com uma

amostra de 1423 adolescentes e adultos por meio das correlações entre a figura representativa do tamanho e peso real ( $r = .65$ ) e o índice de massa corporal ( $r = .72$ ). A fiabilidade do teste-reteste numa amostra de estudantes universitários portugueses ( $n=55$ ) foi de  $r = .91$ , indicando uma associação de magnitude elevada, o que sugere uma forte estabilidade temporal desta escala na população portuguesa.

#### ***Family Environment Scale*** (FES; Moos & Moos, 1986)

A FES é uma escala que permite avaliar e descrever o ambiente familiar. A versão original desta escala pode ser utilizada de três formas: para avaliação do ambiente real (forma R), do ambiente idealizado (forma I) ou do ambiente esperado (forma E) e é composta por 10 escalas agrupadas em 3 dimensões: relações interpessoais (subescalas: coesão, expressividade e conflito), crescimento pessoal (subescalas: independência, assertividade, interesses culturais, lazer e religião) e manutenção do sistema (subescalas: organização e controlo) (Vianna, Silva & Souza-Formigoni, 2007).

No presente estudo, recorreu-se à adaptação portuguesa da escala (Matos & Fontaine, 1992), e apenas foi utilizada a dimensão relativa às relações interpessoais. Esta versão é constituída por 27 itens, respondidos numa escala de Likert de 6 pontos. Relativamente à consistência interna desta dimensão da FES, avaliaram-se os alfas de Cronbach de cada subescala, obtendo-se índices de consistência interna maioritariamente superiores aos das subescalas da versão original (Coesão familiar:  $\alpha = .90$ ; Expressividade familiar:  $\alpha = .74$ ; e Conflito familiar:  $\alpha = .74$ ).

#### ***Family Ritual Questionnaire*** (FRQ; Fiese & Kline, 1993)

Para avaliar o grau de ritualização das famílias, foi utilizado o FRQ, adaptado para a população portuguesa por Crespo e Lind (2004, cit. por Lind, 2008). Este pretende identificar os elementos centrais dos rituais familiares. Assim, foram encontradas na versão original oito dimensões inerentes à realização de rituais (*Ocorrência, Papéis, Rotina, Comparência, Afeto, Significado Simbólico, Continuação e Deliberação*), sete contextos onde ocorrem os rituais, divididos em rituais familiares (*Hora de Jantar, Fins-de-Semana e Férias*) e rituais culturais (*Comemorações Anuais, Celebrações Especiais, Feriados Religiosos e Tradições Culturais e Étnicas*). Nos rituais familiares espera-se a participação da família nuclear, enquanto nos rituais culturais existe uma maior participação da família alargada e da comunidade. Na sua versão original, o FRQ é constituído por 56 itens apresentados num formato de resposta fechada do tipo

dicotómico, divididos nos sete contextos. Cada contexto contém em si oito itens, correspondentes às oito dimensões referidas. Para efeitos de cotação, primeiro calcula-se a pontuação para os contextos e para as dimensões e só depois se calcula a pontuação total através das dimensões e dos contextos. Cada item é marcado numa escala de quatro pontos e quanto maior a pontuação, maior é o grau de ritualização encontrado.

Neste estudo, a versão do FRQ utilizada é constituída por 10 itens, divididos em dois contextos (*Hora de Jantar* e *Comemorações Anuais*), contendo cada um 5 itens. Os itens são apresentados também numa escala de tipo dicotómico, em que na alínea a) os participantes escolhem, entre duas alternativas, aquela que mais se adapta à sua família (e.g. “*Alguma famílias jantam juntas regularmente*” ou “*Outras famílias raramente jantam juntas*”). Depois de escolhida a afirmação mais parecida com a sua família, os participantes terão de decidir, na alínea b), se esta afirmação é, para a sua família, “*Totalmente verdade*” ou “*Mais ou menos verdade*”. A consistência interna dos fatores do FRQ, no presente estudo, encontra-se relativamente elevada para os fatores *FRQ Total* ( $\alpha = .81$ ) e *Comemorações Anuais* ( $\alpha = .79$ ), sendo que o fator *Hora de Jantar* apresenta um valor mais baixo ( $\alpha = .72$ ).

### **2.2.5.3. Procedimento de recolha de dados**

A recolha de dados decorreu entre Outubro de 2011 e Maio de 2012, após aprovação do projeto de investigação pela Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular do Ministério da Educação, pela Comissão de Deontologia da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa e pela Direção dos Estabelecimentos de Ensino contactados. Foi ainda solicitada a autorização às escolas<sup>5</sup>, aos encarregados de educação<sup>6</sup> dos adolescentes menores de idade e o preenchimento do consentimento informado<sup>7</sup> dos participantes, que colaboraram voluntariamente e sem qualquer remuneração.

O conjunto de instrumentos foi aplicado num protocolo único e em regime de autoadministração a turmas do 10º, 11º e 12º anos, dentro de uma sala de aula e na presença do investigador e do(a) professor(a) respetivo, tendo uma duração média de 30 minutos. Foram dadas breves instruções de preenchimento, tendo também sido esclarecidas dúvidas relacionadas com vocabulário e outras. No estabelecimento

---

<sup>5</sup> O pedido de autorização às escolas encontra-se no ANEXO B (os pedidos feitos ao estabelecimento profissionalizante e à produtora de televisão foram semelhantes).

<sup>6</sup> O pedido de autorização aos encarregados de educação encontra-se no ANEXO C.

<sup>7</sup> O consentimento informado encontra-se no ANEXO D.

profissionalizante o procedimento foi semelhante. Relativamente aos atores que colaboraram através da produtora de televisão, os protocolos foram distribuídos por um dos elementos da produtora e devolvidos depois de preenchidos em envelope selado, assegurando assim o seu anonimato e confidencialidade.

#### **2.2.5.4. Procedimento de análise dos dados**

Para o tratamento de dados recorreu-se ao *software Statistical Package for Social Sciences (IBM SPSS)*, v. 19.0. for Windows. Inicialmente realizou-se a estatística descritiva relativa à caracterização da amostra, tendo em conta as variáveis consideradas relevantes, nomeadamente, *social connectedness*, *ambiente familiar (coesão, expressividade e conflito)* e *rituais familiares (total, hora de jantar e comemorações anuais)*. Dado que as subamostras de atores e atrizes tinham uma dimensão inferior a 30 participantes, optou-se por utilizar testes estatísticos não paramétricos (Wilcoxon-Mann-Whitney), como referido por Maroco (2011), para verificar a existência de possíveis diferenças de sexo nos grupos de atores, bem como diferenças entre atores e não atores (para rapazes e raparigas, separadamente). As diferenças de sexo no grupo de controlo foram averiguadas através do teste t de diferenças de médias (paramétrico). A variável *insatisfação corporal* (dicotómica) foi avaliada com o teste do Qui-quadrado. Consideraram-se estatisticamente significativas as diferenças existentes quando o *p-value* do teste foi inferior a 0.05.

De seguida foi utilizado o coeficiente de correlação ordinal de Spearman para analisar as correlações entre as variáveis em estudo, separadamente para rapazes e raparigas de cada subamostra (atores e controlo). A análise das forças das correlações entre as variáveis nos dois sexos e grupos foi efetuada de acordo com Cohen (1992).

Por fim, para as análises de mediação, recorreu-se à estratégia de *bootstrapping* recomendada por Preacher e Hayes (2008). O *bootstrapping* é um processo não paramétrico de amostragem com reposição, no qual são calculados os efeitos indiretos de várias amostras do tamanho da amostra original. Este método é recomendado pois não requer a normalidade da distribuição e reduz a probabilidade de ocorrência de um Erro do Tipo I. Com base numa macro para o SPSS (INDIRECT; Preacher & Hayes, 2008), nestas análises foram utilizadas 1000 reposições de amostragem (*bootstrapp samples*) e um intervalo de confiança a 95%. Os efeitos indiretos são considerados significativos quando o zero não está incluído no intervalo de confiança (Preacher & Hayes, 2008).

### III – Apresentação dos Resultados

#### 3.1. Estatística descritiva, diferenças entre sexos e entre grupos

Na tabela 1 apresentam-se os resultados médios das variáveis relativas ao ambiente familiar (coesão, expressividade e conflito), rituais familiares (total, hora do jantar e comemorações anuais) e *social connectedness*, e respetivos desvios-padrão dos quatro subgrupos de participantes, bem como os resultados do teste estatístico Mann-Whitney (U) de comparação entre os grupos de atores e controlo, separadamente para rapazes e raparigas.

Na tabela 2 estão apresentados os resultados de diferenças médias entre rapazes e raparigas, por grupos de atores e controlo, separadamente.

**Tabela 1.**

*Estatística descritiva por sexo e grupo e diferenças entre grupos (N=380).*

	R	Rapazes (n=195)		M-W		Raparigas (n=185)		M-W	
		Atores (n=27)	Controlo (n=168)	U	p =	Atrizes (n=25)	Controlo (n=160)	U	p =
<b>SC</b>	1-6	4.35 (0.76)	4.59 (0.70)	1101.50	.166	4.22 (0.84)	4.68 (0.59)	1013	<b>.009**</b>
<b>AFCoe</b>	1-6	4.35 (0.86)	4.43 (0.97)	1899.50	.571	4.05 (0.99)	4.40 (1.09)	1379.50	.080 <sup>1</sup>
<b>AFExp</b>	1-6	4.22 (0.86)	4.09 (0.75)	1857	.333	3.89 (0.73)	4.13 (0.80)	1365	.152
<b>AFCon</b>	1-6	3.09 (0.82)	2.88 (0.80)	1616.50	.282	3.05 (0.68)	3.03 (0.86)	1731.50	.619
<b>RFTot</b>	1-4	3.17 (0.59)	3.14 (0.62)	1784	.903	2.98 (0.65)	3.10 (0.66)	1682	.311
<b>RFJan</b>	1-4	3.18 (0.63)	2.99 (0.72)	1756.50	.197	2.83 (0.67)	2.97 (0.77)	1680.50	.266
<b>RFCom</b>	1-4	3.21 (0.73)	3.27 (0.75)	1759	.596	3.12 (0.79)	3.21 (0.74)	1796	.555

**Nota.** SC = *Social Connectedness*; AFCoe = Ambiente Familiar – Coesão; AFExp = Ambiente Familiar – Expressividade; AFCon = Ambiente Familiar – Conflito; RFTot = Rituais Familiares – Total; RFJan = Rituais Familiares – Hora de Jantar; RFCom = Rituais Familiares – Comemorações Anuais; a **bold** encontram-se sinalizadas as diferenças significativas; \*\* $p < .01$ ; <sup>1</sup>próximo de significância.

### 3.1.1. Social Connectedness

Em relação aos rapazes do grupo de atores e do grupo de controlo (não atores), não se verificam diferenças significativas nos resultados médios de *social connectedness*. Já as raparigas apresentam diferenças significativas nesta variável ( $U=1013$ ,  $p=.009$ ), sendo mais elevada nas adolescentes do grupo de controlo.

### 3.1.2. Ambiente familiar

Embora não existam diferenças significativas nas três escalas do ambiente familiar – coesão, expressividade e conflito – entre os adolescentes de ambos os sexos, atores e não atores, as diferenças entre as raparigas tendem a aproximar-se da significância na variável coesão ( $p=.080$ ), no sentido da coesão familiar reportada pelas raparigas do grupo de controlo ser superior à das raparigas atrizes.

### 3.1.3. Rituais Familiares

Os resultados indicam que não existem diferenças significativas nas variáveis dos rituais familiares (RFTot, RFJan e RFCom) entre o grupo de atores e grupo de controlo, quer nos rapazes, quer nas raparigas.

### 3.1.4. Insatisfação com a Imagem Corporal

Em relação aos rapazes não se verifica uma associação significativa entre o facto de ser ator ou não e apresentar satisfação ou insatisfação com a sua imagem corporal ( $\chi^2=0.111$ ,  $p=.739$ ); o mesmo se verifica em relação às raparigas ( $\chi^2=0.151$ ,  $p=.698$ ).

## Tabela 2.

Resultados de diferenças de médias entre rapazes e raparigas, para grupos de atores e controlo, separadamente ( $N=380$ ).

	M-W		t	
	Atores (n=52)	p =	Controlo (n=328)	p =
SC	283.00	.734	-1.079	.282
AFCoe	250.50	.331	.241	.810
AFExp	209.00	.110	-.385	.701
AFCOn	274.50	.861	-1.588	.113
RFTot	253.00	.346	.486	.627
RFJan	238.50	.068 <sup>1</sup>	.149	.882
RFCom	278.50	.665	.692	.490

Nota. <sup>1</sup>Próximo de significância.

Como se pode verificar na tabela 2, nos resultados de diferenças de médias entre rapazes e raparigas, para grupos de atores e de controlo, não foram encontradas diferenças significativas entre as variáveis. Apenas se encontrou uma diferença próxima da significância no grupo de atores na variável RFJan ( $p=.068$ ), sendo mais elevada nos rapazes.

## **3.2. Análise das correlações entre as variáveis**

### **3.2.1. Sexo masculino**

As correlações no sexo masculino obtidas entre as variáveis em estudo são apresentadas na Tabela 3.

#### Grupo de controlo

Entre as variáveis estudadas, a *social connectedness* correlaciona-se positivamente com a coesão familiar (correlação moderada), expressividade familiar (correlação fraca), rituais total (correlação muito fraca), rituais de comemorações anuais (correlação muito fraca) e negativamente com conflito familiar (correlação moderada) e insatisfação (correlação muito fraca).

A variável coesão familiar revela correlação positiva com expressividade familiar (muito elevada), rituais da hora de jantar (elevada), rituais total (moderada), rituais de comemorações anuais (muito fraca), bem como uma correlação negativa elevada com conflito familiar. Por sua vez, a expressividade familiar mostra correlações positivas moderadas com rituais total e rituais da hora de jantar, muito fracas com rituais de comemorações anuais e correlações negativas moderadas com conflito familiar e muito fracas com insatisfação. Conflito familiar correlaciona-se negativamente com rituais total, rituais da hora de jantar e rituais de comemorações anuais, sendo as duas primeiras correlações fracas e a última muito fraca.

Em relação à variável rituais total, esta apresenta correlações positivas muito elevadas com rituais da hora de jantar e rituais de comemorações anuais e correlações negativas muito fracas com insatisfação. A variável rituais da hora de jantar correlaciona-se positivamente com rituais de comemorações anuais, sendo esta uma correlação fraca. E por fim, rituais de comemorações anuais mostra correlação negativa muito fraca com a insatisfação corporal.

### Grupo de atores

Relativamente ao grupo dos atores, a *social connectedness* apenas se correlaciona positivamente com coesão familiar e expressividade familiar, sendo a primeira uma correlação elevada e a segunda moderada.

Também no grupo dos atores a variável coesão familiar mostra correlações com todas as variáveis, exceto com a insatisfação corporal. Apresenta correlações positivas muito elevadas com expressividade familiar, rituais total e com rituais de comemorações anuais, positivas moderadas com rituais da hora de jantar e correlações negativas muito elevadas com conflito familiar. A expressividade familiar, por sua vez, encontra-se positivamente correlacionada com rituais total e rituais de comemorações anuais, sendo estas correlações elevadas e negativamente correlacionada com conflito familiar, correlação esta muito elevada. O conflito familiar revela apenas correlações negativas, sendo estas moderadas com rituais da hora de jantar e elevadas com rituais total e rituais de comemorações anuais.

**Tabela 3.**

*Correlações entre as variáveis em estudo nos participantes do sexo masculino (n=195).*

<b>Controlo</b>								
<b>Atores</b>	<b>1.</b>	<b>2.</b>	<b>3.</b>	<b>4.</b>	<b>5.</b>	<b>6.</b>	<b>7.</b>	<b>8.</b>
<b>1. SC</b>	-	<b>.488**</b>	<b>.391**</b>	<b>-.450**</b>	<b>.228*</b>	.132	<b>.206*</b>	<b>-.206*</b>
<b>2. AFCoe</b>	<b>.585**</b>	-	<b>.745**</b>	<b>-.557**</b>	<b>.458**</b>	<b>.538**</b>	<b>.273**</b>	-.111
<b>3. AFExp</b>	<b>.490**</b>	<b>.826**</b>	-	<b>-.423**</b>	<b>.422**</b>	<b>.460**</b>	<b>.278**</b>	<b>-.228**</b>
<b>4. AFCon</b>	-.295	<b>-.601**</b>	<b>-.739**</b>	-	<b>-.344**</b>	<b>-.312**</b>	<b>-.275**</b>	.055
<b>5. RFTot</b>	.408	<b>.701**</b>	<b>.584**</b>	<b>-.543*</b>	-	<b>.821**</b>	<b>.818**</b>	<b>-.175*</b>
<b>6. RFJan</b>	.069	<b>.472*</b>	.382	<b>-.417*</b>	<b>.785**</b>	-	<b>.387**</b>	-.081
<b>7. RFCom</b>	.396	<b>.687**</b>	<b>.540**</b>	<b>-.507*</b>	<b>.916**</b>	<b>.493*</b>	-	<b>-.188*</b>
<b>8. Insatisfação<sup>1</sup></b>	-.336	-.111	-.088	-.196	.097	.319	-.012	-

**Nota:** Na parte superior da tabela encontram-se os resultados do grupo de controlo e na parte inferior encontram-se os resultados do grupo dos atores. A **bold** encontram-se sinalizadas as correlações significativas. \*p < .05; \*\*p < .01. <sup>1</sup>Dummy variable, 0 – satisfação com a imagem corporal; 1 – insatisfação com a imagem corporal.

### **3.2.2. Sexo feminino**

As correlações no sexo feminino obtidas entre as variáveis em estudo são apresentadas na Tabela 4.

#### Grupo de controlo

Tal como no grupo dos atores do sexo masculino, também neste grupo, nenhuma variável se correlaciona com a insatisfação corporal. Entre as variáveis estudadas, a *social connectedness* apresenta correlações positivas fracas com coesão familiar, expressividade familiar e muito fracas com rituais total e rituais de comemorações anuais e apresenta também correlações negativas muito fracas com conflito familiar.

Relativamente à coesão familiar, esta mostra correlações positivas moderadas com rituais da hora de jantar, rituais de comemorações anuais, correlações elevadas com rituais total e muito elevadas com expressividade familiar, e apresenta ainda correlações negativas muito elevadas com conflito familiar. A variável expressividade familiar revela também correlações positivas moderadas com rituais da hora de jantar, rituais de comemorações anuais e elevadas com rituais total, e ainda correlação negativa com conflito familiar, sendo esta elevada. Por sua vez, o conflito familiar correlaciona-se negativamente com os rituais total, rituais da hora de jantar e rituais de comemorações anuais, sendo estas correlações fracas.

#### Grupo de atrizes

A variável *social connectedness* correlaciona-se positivamente com coesão familiar (correlação muito elevada) e com expressividade familiar (correlação elevada), apresentando também correlações negativas elevadas com conflito familiar e insatisfação.

No que respeita à variável coesão familiar, esta mostra uma correlação positiva muito elevada com expressividade familiar e correlações negativas com conflito familiar e insatisfação, sendo estas elevadas e moderadas, respetivamente. A expressividade familiar apresenta correlação negativa muito elevada com conflito familiar. Por seu lado, conflito familiar revela correlação positiva moderada com a insatisfação corporal.

**Tabela 4.**

*Correlações entre as variáveis em estudo nos participantes do sexo feminino (n=185).*

Controlo								
Atrizes	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.
1. SC	-	<b>.390**</b>	<b>.340**</b>	<b>-.215**</b>	<b>.225*</b>	.138	<b>.220*</b>	-.140
2. AFCoe	<b>.712**</b>	-	<b>.811**</b>	<b>-.686**</b>	<b>.508**</b>	<b>.464**</b>	<b>.461**</b>	-.096
3. AFExp	<b>.530*</b>	<b>.679**</b>	-	<b>-.557**</b>	<b>.505**</b>	<b>.473**</b>	<b>.406**</b>	.020
4. AFCon	<b>-.557**</b>	<b>-.593**</b>	<b>-.607**</b>	-	<b>-.366**</b>	<b>-.316**</b>	<b>-.366**</b>	-.070
5. RFTot	.086	.091	.095	-.097	-	<b>.884**</b>	<b>.832**</b>	-.086
6. RFJan	-.072	.044	.150	-.022	<b>.854**</b>	-	<b>.504**</b>	-.084
7. RFCom	.201	.125	.024	-.153	<b>.873**</b>	<b>.549**</b>	-	-.087
8. Insatisfação <sup>1</sup>	<b>-.555**</b>	<b>-.494*</b>	-.326	<b>.489*</b>	.097	.223	.021	-

**Nota:** Na parte superior da tabela encontram-se os resultados do grupo de controlo e na parte inferior encontram-se os resultados do grupo das atrizes. A **bold** encontram-se sinalizadas as correlações significativas. \*p < .05; \*\*p < .01. <sup>1</sup>Dummy variable, 0 – satisfação com a imagem corporal; 1 – insatisfação com a imagem corporal.

### 3.3. Estudo da mediação da *social connectedness* na associação entre rituais familiares e ambiente familiar (coesão, expressividade e conflito) e a insatisfação com a imagem corporal<sup>8</sup>

#### 3.3.1. Rituais familiares

Os efeitos diretos da dimensão *rituais familiares total* para o *social connectedness* mostraram ser significativos, como se pode observar na tabela 5.

Em relação aos efeitos diretos do *social connectedness* na *insatisfação* observou-se também um efeito significativo.

<sup>8</sup> Dado não se verificarem diferenças significativas nos resultados de diferenças de médias entre rapazes e raparigas, para grupos de atores e controlo (separadamente), procedeu-se ao estudo das mediações sem se recorrer à separação da amostra por grupos.

**Tabela 5.**

*Efeitos diretos de Rituais Familiares para SC e de SC para Insatisfação.*

Mediador	Efeito direto de Rituais Familiares para SC				Efeito direto de SC para Insatisfação			
	<i>B</i>	<i>SE</i>	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>B</i>	<i>SE</i>	<i>Z</i>	<i>P</i>
	0.22	0.07	3.28	.0012	-0.77	0.22	-3.46	.0005

Relativamente ao efeito do *social connectedness* na *insatisfação*, o efeito total foi de  $B = -0.24$ ,  $SE = 0.22$  ( $p = .277$ ) e o efeito direto foi de  $B = -0.09$ ,  $SE = 0.23$  ( $p = .679$ ). Estes efeitos não se revelaram significativos. No entanto, o efeito total indireto (diferença entre o efeito total e o efeito direto) tem uma estimativa pontual de  $B = -0.17$ ,  $SE = 0.08$  e um IC a 95% de -0.40; -0.05, como se pode verificar na tabela 6. Dado que o IC a 95% não contém o zero, é possível afirmar que o *social connectedness* é mediador entre os *rituais familiares* e a *insatisfação*.

Através da figura 2 é possível visualizar esta mediação.

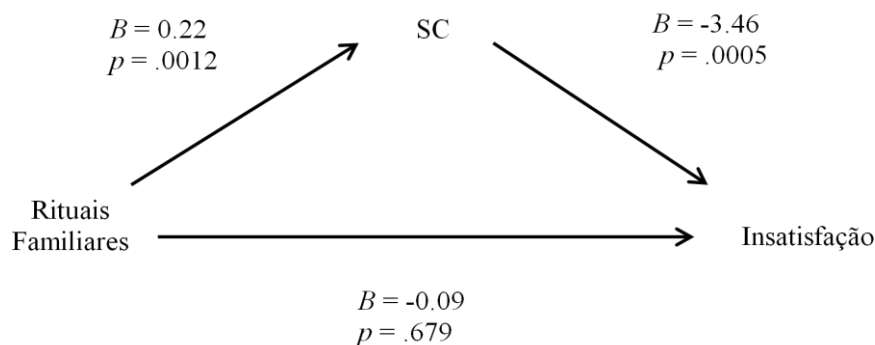
**Tabela 6.**

*Estimativa pontual, erro padrão e intervalos de confiança a 95% para os efeitos indiretos da dimensão Rituais Familiares na Insatisfação através da SC.*

Efeitos indiretos	Estimativa pontual	Erro padrão (EP)	Bootstrapp IC 95%	
			Inferior	Superior
SC	-0.17	0.08	-0.40	-0.05

**Figura 2.**

*Diagrama conceptual ilustrativo dos efeitos do mediador (SC) da associação entre Rituais Familiares e Insatisfação.*



### 3.3.2. Coesão

Relativamente aos efeitos diretos da dimensão *coesão* para o *social connectedness* estes mostraram ser significativos.

Quanto aos efeitos diretos do *social connectedness* na *insatisfação* observou-se também aqui um efeito significativo. Os dados encontram-se na tabela 7.

**Tabela 7.**

*Efeitos diretos de Coesão para SC e de SC para Insatisfação.*

Mediador	Efeito direto de Coesão para SC				Efeito direto de SC para Insatisfação			
	<i>B</i>	<i>SE</i>	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>B</i>	<i>SE</i>	<i>Z</i>	<i>P</i>
	0.33	0.04	8.68	.0000	-0.87	0.25	-3.49	.0005

No que se refere ao efeito do *social connectedness* na *insatisfação*, o efeito total foi de  $B = -0.23$ ,  $SE = 0.14$  ( $p = .105$ ) e o efeito direto foi de  $B = 0.03$ ,  $SE = 0.16$  ( $p = .849$ ). Estes efeitos não se revelaram significativos. Visto a diferença entre o efeito total e o efeito direto ser o efeito total indireto, temos uma estimativa pontual de  $B = -0.29$ ,  $SE = 0.09$  e um IC a 95% de -0.49; -0.14, como se pode constatar na tabela 8. Uma vez que o IC a 95% não inclui o zero, pode-se afirmar que o *social connectedness* funciona como mediador entre a *coesão* e a *insatisfação*.

Esta mediação encontra-se ilustrada na figura 3.

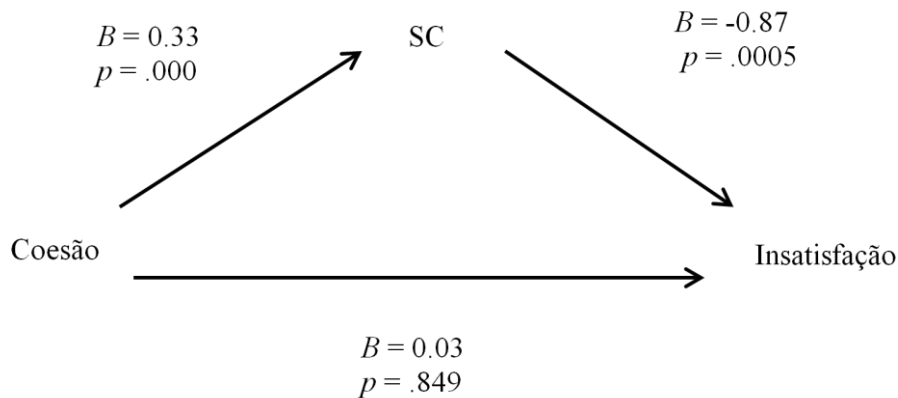
**Tabela 8.**

*Estimativa pontual, erro padrão e intervalos de confiança a 95% para os efeitos indiretos da dimensão Coesão na Insatisfação através da SC.*

Efeitos indiretos	Estimativa pontual	Erro padrão (EP)	Bootstrapp IC 95%	
			Inferior	Superior
SC	-0.29	0.09	-0.49	-0.14

**Figura 3.**

Diagrama conceptual ilustrativo dos efeitos do mediador (SC) da associação entre Coesão e Insatisfação.



### 3.3.3. Expressividade

Os efeitos diretos da dimensão *expressividade* para o *social connectedness* mostraram ser significativos. Também em relação aos efeitos diretos do *social connectedness* na *insatisfação* se observa um efeito significativo, como se pode constatar na tabela 9.

**Tabela 9.**

Efeitos diretos de Expressividade para SC e de SC para Insatisfação.

Mediador	Efeito direto de Expressividade para SC				Efeito direto de SC para Insatisfação			
	B	SE	t	p	B	SE	Z	P
	0.35	0.05	6.59	.0000	-0.80	0.23	-3.43	.0006

No que se prende com o efeito do *social connectedness* na *insatisfação*, o efeito total foi de  $B = -0.26$ ,  $SE = 0.18$  ( $p = .152$ ) e o efeito direto foi de  $B = -0.006$ ,  $SE = 0.20$  ( $p = .975$ ). Estes efeitos não se mostraram significativos. A diferença entre o efeito total e o efeito direto é o efeito total indireto, pelo que temos uma estimativa pontual de  $B = -0.28$ ,  $SE = 0.09$  e um IC a 95% de  $-0.48$ ;  $-0.12$ , como se pode verificar na tabela 10. Como o IC a 95% não inclui o zero, pode assim afirmar-se que o *social connectedness* funciona como mediador entre a *expressividade* e a *insatisfação*.

Através da figura 4 é possível visualizar esta mediação.

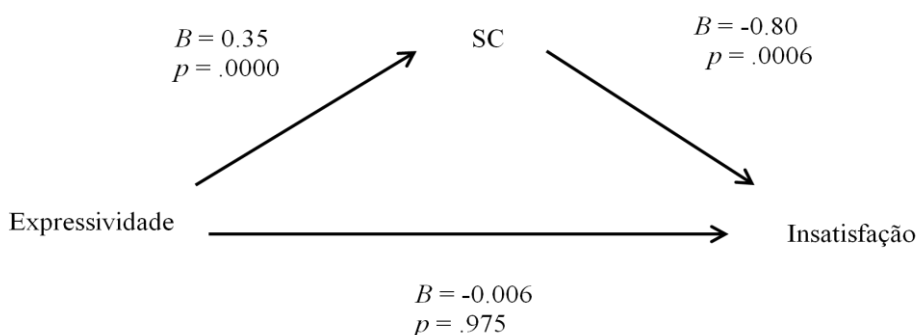
**Tabela 10.**

Estimativa pontual, erro padrão e intervalos de confiança a 95% para os efeitos indiretos da dimensão Expressividade na Insatisfação através da SC.

Efeitos indiretos	Estimativa pontual	Erro padrão (EP)	Bootstrapp IC 95%	
			Inferior	Superior
SC	-0.28	0.09	-0.48	-0.12

**Figura 4.**

Diagrama conceptual ilustrativo dos efeitos do mediador (SC) da associação entre Expressividade e Insatisfação.



### 3.3.4. Conflito

Por fim, os efeitos diretos da dimensão *conflito* para o *social connectedness* mostraram ser significativos. Quanto aos efeitos diretos do *social connectedness* na *insatisfação* observou-se também um efeito significativo, observável na tabela 11.

**Tabela 11.**

Efeitos diretos de Conflito para SC e de SC para Insatisfação.

Mediador	Efeito direto de Conflito para SC				Efeito direto de SC para Insatisfação			
	B	SE	t	p	B	SE	Z	P
	-0.28	0.05	-5.70	.0000	-0.94	0.24	-3.98	.0001

Relativamente ao efeito do *social connectedness* na *insatisfação*, o efeito total foi de  $B = -0.03$ ,  $SE = 0.17$  ( $p = .859$ ) e o efeito direto foi de  $B = -0.28$ ,  $SE = 0.18$  ( $p = .119$ ). Também aqui estes efeitos não se revelaram significativos. Visto a diferença entre o efeito total e o efeito direto ser o efeito total indireto, temos então uma

estimativa pontual de  $B = 0.27$ ,  $SE = 0.08$  e um IC a 95% de 0.13; 0.45, como se pode observar na tabela 12. Mais uma vez o IC a 95% não contém o zero, pelo que o *social connectedness* funciona como mediador entre o *conflito* e a *insatisfação*.

Esta mediação pode ser visualizada através da figura 5.

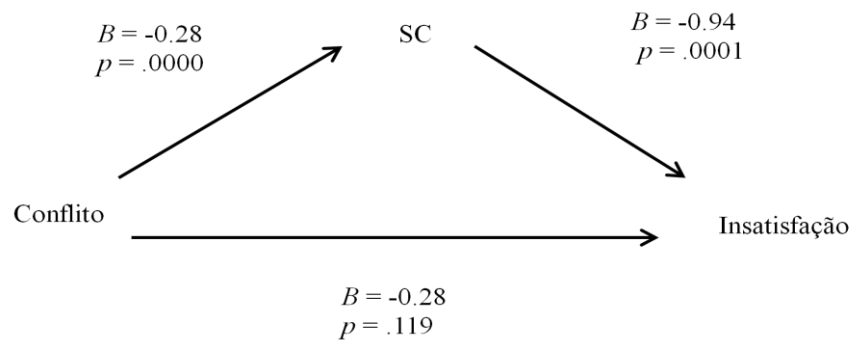
**Tabela 12.**

*Estimativa pontual, erro padrão e intervalos de confiança a 95% para os efeitos indiretos da dimensão Conflito na Insatisfação através da SC.*

Efeitos indiretos	Estimativa pontual	Erro padrão (EP)	Bootstrapp IC 95%	
			Inferior	Superior
SC	0.27	0.08	0.13	0.45

**Figura 5.**

*Diagrama conceptual ilustrativo dos efeitos do mediador (SC) da associação entre Conflito e Insatisfação.*



## IV – Discussão dos Resultados

Este estudo teve como objetivo central averiguar a relação existente entre ambiente familiar (coesão, expressividade e conflito), rituais familiares (hora de jantar e comemorações anuais) e *social connectedness* na insatisfação com a imagem corporal dos adolescentes atores e não atores, em ambos os sexos.

### 4.1. *Social Connectedness*

De acordo com este estudo, verificam-se diferenças significativas ao nível da *social connectedness* entre as raparigas atrizes e não atrizes, sendo os valores mais elevados nas adolescentes do grupo de controlo (não atrizes). Uma possível explicação para o aparecimento desta discrepância prende-se com o facto de adolescentes não atrizes disponibilizarem de mais tempo livre, podendo assim manter e formar novas relações de amizade e alargar a sua rede social, dado encontrarem-se mais disponíveis para tal. As atrizes veem-se frequentemente com horas de trabalho muitas vezes longas e irregulares (Bureau of Labor Statistics, 2010), tendo ainda que conciliá-las com as aulas da escola, como qualquer outro adolescente. Além disso, as jovens não atrizes encontram-se mais disponíveis para frequentar atividades extracurriculares, pelo que aumentam também desta forma as suas relações sociais, sentindo-se assim mais ligadas ao mundo social.

Segundo Lee e Robbins (1995, 1998), estas necessidades de ligação com o mundo social emergem na adolescência com o progressivo afastamento dos jovens em relação à família e aumentando o interesse em estabelecer relações sociais, ganhando assim mais autonomia e desenvolvendo a sua identidade (Soares, 1996). O facto de as jovens atrizes passarem muito tempo em gravações/ensaios no respetivo local de trabalho, pode fazer com que percam de alguma forma o contacto com alguns amigos e colegas de escola, ficando assim mais limitadas às relações estabelecidas com os colegas de trabalho, sendo esta uma população mais restrita e com quem se relacionam mais frequentemente. Por outro lado, as adolescentes não atrizes não estão sujeitas a tanta pressão nem são “afastadas” do seu meio, como muitos jovens atores que passam a morar sozinhos (dado serem deslocados) ou mesmo com colegas de trabalho, pelo que as primeiras se sentem mais disponíveis, com mais sentimentos de pertença e, portanto, com um maior sentido de *social connectedness*.

#### **4.2. Variáveis Familiares: Ambiente e Rituais**

Relativamente ao ambiente familiar, entre os adolescentes atores e não atores, de ambos os sexos, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas. Apenas as raparigas não atrizes apresentam uma tendência (resultado próximo da significância estatística) para reportarem níveis de coesão familiar mais elevados do que as raparigas atrizes. No sentido em que a coesão familiar reportada pelas raparigas não atrizes é superior à das raparigas atrizes. O valor encontrado nestas adolescentes pode ser produto de um maior tempo passado em família comparativamente às atrizes, isto é, como as adolescentes atrizes passam muitas horas (muitas vezes à noite) a gravar ou a ensaiar (Bureau of Labor Statistics, 2010), passam menos tempo com a família, podendo assim ter um grau de compromisso familiar menor quando comparadas com as adolescentes não atrizes. No entanto, esta diferença também não se encontra nos rapazes atores, nem se aproxima da diferença estatisticamente significativa, como no caso das atrizes. Estes resultados podem introduzir outros aspetos como, por exemplo, relacionamentos familiares existentes, o tipo de educação prestada pelos pais/familiares (e.g., valores transmitidos, como a importância da família e da sua união) ou até mesmo o tipo de família em causa (e.g., numa família funcional os níveis de coesão tendem a ser elevados, o que não se verifica numa família disfuncional) (cf. Aboim & Wall, 2002).

Quanto aos rituais familiares, seriam esperadas algumas diferenças entre grupos, partindo mais uma vez da ideia de que os atores passam muito tempo a gravar/ensaiar, preenchendo assim muitas vezes o horário de jantar. No entanto, tal não se verificou. De facto, por passarem muitas horas a gravar, não significa que os atores se “descurem” no que respeita à família e ao tempo que passam com ela. Isto vai de encontro aos estudos de Csikszentmihaly et al. (1993, cit. por Hanks, 2009) que referem a família como a maior fonte geradora de influências para os atores. Acontece também que grande parte dos atores têm familiares próximos que exercem ou já exerceram uma profissão artística (Borges, 2008), encontrando-se ainda no meio e possivelmente com horários semelhantes. Contudo, os resultados encontrados no presente estudo podem estar influenciados pelo tipo de família em causa (i.e., famílias funcionais, nas quais existe, por exemplo, comunicação, cooperação, afeto, tolerância ao conflito e onde existe espaço para a prática recorrente de rituais, atribuindo-lhes importância, ou famílias disfuncionais, onde predomina o conflito e a inflexibilidade, não sendo importante nem recorrente a prática de rituais), bem como pela importância que é atribuída à família por

cada um dos membros. Assim, seria interessante estudar também os tipos de famílias dos adolescentes inquiridos e que influências terão tanto no ambiente como nos rituais familiares, em atores e não atores.

### **4.3. Insatisfação com a Imagem Corporal**

Em relação à insatisfação com a imagem corporal não se verificaram diferenças significativas entre o facto de ser ator ou não e apresentar satisfação ou insatisfação com a imagem corporal, quer para rapazes quer para raparigas. Esta inexistência de diferenças nas raparigas (atrizes ou não) contraria a literatura, visto que a maioria dos estudos (e.g., Fleitlich, 1997; Cash & Pruzinsky, 1990) referem que as adolescentes e mulheres jovens se mostram maioritariamente insatisfeitas com a sua imagem corporal. Uma explicação para os resultados do presente estudo prende-se com o facto de cada vez mais os rapazes se importarem e cuidarem da sua imagem corporal, ou seja, a insatisfação corporal entre o sexo masculino está a aumentar (e.g., Peat, Peyer, Ferraro & Butler, 2011), não sendo uma preocupação exclusiva das raparigas. Atualmente, o ideal cultural para os rapazes acentua um corpo medianamente musculado e em forma de “V”, suscitando nos jovens adolescentes um aumento das práticas de atividade física e um maior interesse em atingir esse ideal corporal, sendo assim as diferenças entre sexos cada vez menores. Esta ideia vai de encontro ao postulado por Barbosa (2008), que salientou o facto de os jovens começarem a ter relacionamentos com o sexo oposto na adolescência, levando a uma maior exposição do corpo, fazendo pois com que tanto raparigas como rapazes se preocupem com o corpo e com a sua aparência física, visto estarem ambos (rapazes e raparigas) sujeitos à avaliação dos outros.

Seria de esperar que se encontrassem diferenças significativas entre grupos (controlo e atores), no entanto, tal não se verificou. Atendendo à teoria, dado os atores terem tamanha e constante exposição no seu contexto de trabalho (por exemplo, na televisão, no teatro, em sessões fotográficas), seria de esperar que os dados revelassem diferenças quando comparados com o grupo de controlo. Uma vez que a imagem funciona como um “cartão-de-visita”, principalmente para os atores, é esperado um maior investimento por parte destes neste campo. Contudo, o facto de não serem encontradas diferenças significativas não significa que os atores não invistam ou não se preocupem com a sua imagem e aparência física ou não se sintam mais ou menos insatisfeitos com a imagem corporal; pelo contrário, esta inexistência de diferenças leva-nos a deduzir que o grupo de controlo se preocupa tanto como o grupo de atores.

#### 4.4. Relações entre as variáveis estudadas

Foram exploradas as possíveis associações entre as variáveis em estudo, quantificando-se a intensidade e a direção da sua associação (Maroco, 2011), tendo em consideração o sexo e o grupo. Constatou-se que, no geral, entre os rapazes verificam-se mais correlações significativas que entre as raparigas, observando-se também uma diferença a este nível entre o grupo de atores (na subamostra de atores encontram-se mais correlações que na subamostra de atrizes).

Para todas as subamostras (atores e não atores) verifica-se uma associação entre a *social connectedness* e as dimensões do ambiente familiar, refletindo não só as relações de amizade mas também as relações familiares que os adolescentes preservam (Lee & Robbins, 2000). Esta associação é positiva com as dimensões coesão e expressividade familiar, o que vai de encontro à literatura (e.g., Leak & Williams, 1991; Beyers & Seiffge-Krenke, 2007), uma vez que níveis elevados de *social connectedness* permitem aos indivíduos gerir melhor as suas necessidades e emoções. Da mesma forma, um ambiente familiar saudável permite uma melhor adaptação às diversas situações (Moos & Moos, 1994), o que justifica também o facto de as correlações encontradas entre a *social connectedness* e o conflito familiar serem negativas (quanto maior o nível de *social connectedness* menor será o conflito familiar). O facto de, na adolescência, os jovens se afastarem da família procurando estabelecer mais relações sociais e tornarem-se autónomos (Crespo et al., 2008; Alarcão, 2002) não implica que não valorizem ainda mais o pouco tempo que passam com a família. As correlações encontradas no grupo de controlo entre a *social connectedness* e os rituais familiares, apesar de muito fracas, revelam que os adolescentes, apesar de estarem mais envolvidos em atividades fora da família, não dispensam o tempo passado com esta, como referido por Crespo e colaboradores (2008). No contexto das artes performativas a aparência e imagem corporal são extremamente valorizados, pelo que as relações sociais podem funcionar como uma fonte de pressão para a magreza (Lieberman et al., 2001) ou como um suporte emocional (Paterson, Pryor & Field, 1995, cit. por Harter, 1999). No presente estudo, verificou-se a existência de uma correlação negativa muito fraca entre a *social connectedness* e a insatisfação com a imagem corporal entre os rapazes do grupo de controlo e negativa elevada entre as adolescentes atrizes, o que reflete a importância de uma boa rede social funcionando como um suporte e aumentando a autoestima. Estes resultados vão de encontro ao previsto por Paterson, Pryor e Field (1995, cit. por Harter, 1999), visto a insatisfação com a imagem corporal diminuir consoante aumenta o

sentido de pertença e ligação ao mundo social. Contudo, esta associação é muito fraca nos rapazes, curiosamente apenas no grupo de controlo.

As associações encontradas entre as dimensões do ambiente familiar vêm confirmar a literatura (e.g., Street, Harris-Britt & Walker-Barnes, 2009), pois tanto a coesão como a expressividade familiar mostram correlações positivas elevadas e muito elevadas entre si, ao passo que ambas revelam correlações negativas com o conflito familiar, não se assinalando diferenças entre sexos ou entre grupos. Isto sugere que, à medida que a coesão e a expressividade familiares aumentam nas famílias dos adolescentes em estudo, diminui o conflito familiar, havendo lugar para a prática de rituais familiares – conhecidos por fomentarem a união e coesão familiar, permitirem trocas emocionais e reduzirem o conflito (Fiese et al., 2002; Fiese, 2006). Assim, a prática de rituais familiares favorecerá o ambiente familiar, funcionando como um fator protetor para os adolescentes nesta fase crítica do ciclo vital, como é sugerido pelos estudos de Fulkerson, Story, Mellin, Ncumark-Sztainer (2006, cit. por Crespo, 2011). No presente estudo, verificam-se diferenças nesta correlação, sobretudo ao nível dos grupos, observando-se correlações no grupo de atores apenas nos rapazes. Já no grupo de controlo as correlações mostram-se mais fracas precisamente nos rapazes, verificando-se, contudo, em ambos os sexos. O facto de se verificarem correlações apenas no grupo de atores nos rapazes pode indicar que as raparigas atrizes dedicam mais tempo e atribuem maior importância à imagem corporal que os rapazes atores (uma vez que estas apresentaram correlações com a insatisfação com a imagem corporal e os rapazes atores não), passando a família para “segundo plano”.

Da teoria sabe-se, também, que a satisfação com a imagem corporal é influenciada tanto por experiências individuais como pela família. Estudos neste sentido evidenciam correlações positivas entre um ambiente familiar negativo, conflituoso e pouco coeso, e preocupações alimentares e dietas (e.g., Calam et al., 1990; Steiger et al., 1991; Byely et al., 2000, cit. por Barbosa 2001). Os resultados do presente estudo revelaram correlações moderadas entre a coesão e o conflito familiar com a insatisfação com a imagem corporal nas jovens atrizes, sendo a primeira negativa e a segunda positiva, indo de encontro à teoria. Estes dados revelam que as atrizes, estando mais expostas diariamente e, portanto, mais preocupadas com a imagem corporal, beneficiam de um ambiente familiar coeso, visto a família ser a fonte geradora de maior influência nos contextos de artes performativas (Csikszentmihaly, Rathunde e Whalen, 1993, cit. por Hankes, 2009). Nesta relação, quanto mais conflitos familiares mais insatisfeitas as

jovens atrizes se sentem com a imagem corporal; pressões para a magreza ou para atingir um determinado ideal corporal, por parte dos pais/familiares, ou comentários acerca da aparência dos filhos podem justificar esta relação, o que coincide com os estudos de Barbosa (2001).

No presente estudo, foram encontradas correlações negativas muito fracas entre a insatisfação com a imagem corporal e os rituais familiares (total e comemorações anuais) nos rapazes do grupo de controlo. Estes resultados mostram que quanto mais rituais os adolescentes praticarem, menos insatisfeitos com a sua imagem corporal se sentem. Estes dados sugerem que, de facto, os rituais familiares podem funcionar como um fator protetor para os jovens adolescentes (neste caso, protetores em relação à insatisfação corporal), como referem os estudos de Fulkerson e colaboradores (2006, cit. por Crespo, 2011).

#### **4.5. Mediações da *Social Connectedness***

Valores significativos de mediação da *social connectedness* foram encontrados na associação entre os rituais familiares e a insatisfação com a imagem corporal e na associação entre as três dimensões do ambiente familiar (coesão, expressividade e conflito) e a insatisfação com a imagem corporal.

Na mediação da *social connectedness* na associação entre os rituais familiares e a insatisfação com a imagem corporal os resultados mostram que os rituais contribuem para uma menor insatisfação. Todavia, os dados mostram um efeito mediador (parcial) da *social connectedness*, no sentido em que os rituais contribuem para níveis mais elevados de *social connectedness*, e esta, por sua vez, contribui para uma redução da insatisfação com a imagem corporal dos adolescentes.

Tal como na mediação anterior, na associação entre a coesão familiar e a insatisfação com a imagem corporal, a *social connectedness* também funciona como mediadora (parcial) da relação. Os resultados sugerem que o efeito mediador da *social connectedness* funciona no sentido em que a coesão contribui para níveis mais elevados de *social connectedness*, contribuindo, esta, para a redução da insatisfação com a imagem corporal.

Também na associação entre expressividade familiar e insatisfação com a imagem corporal se verificaram iguais resultados, ou seja, a *social connectedness* funcionou como mediadora (parcial) da relação contribuindo para a diminuição da insatisfação da

imagem corporal, enquanto a expressividade contribui, por sua vez, para níveis mais elevados de *social connectedness*.

Relativamente ao conflito familiar, este não contribui para uma menor insatisfação com a imagem corporal. Contudo, os resultados mostram um efeito mediador (parcial) da *social connectedness*, no sentido em que o conflito contribui para níveis mais baixos de *social connectedness*, e esta, por seu lado, contribui para uma redução da insatisfação com a imagem corporal.

De um modo geral, os efeitos diretos (negativos) da *social connectedness* na insatisfação com a imagem corporal mostraram-se significativos com todas as variáveis em estudo, o que confirma que níveis elevados de *social connectedness* reduzem a insatisfação com a imagem corporal nos adolescentes de ambos os sexos. Estes resultados vêm corroborar investigações realizadas nesta área, que afirmam que valores elevados de um sentido de pertença e ligação familiar estão associados a uma menor insatisfação corporal em adolescentes (e.g., Jose & Crespo, 2012). Salienta-se, assim, a importância da *social connectedness* no desenvolvimento psicossocial dos adolescentes, funcionando também como um fator protetor contra resultados negativos de insatisfação com a imagem corporal.

#### **4.6. Contributos para a investigação, limitações e direções futuras**

São escassas as informações sobre o contexto de artes performativas, particularmente no que respeita aos atores. Neste sentido, a presente investigação vem contribuir com dados importantes relativamente a este contexto em jovens adolescentes, tendo em atenção as variáveis aqui estudadas. Espera-se também que contribua para uma melhor compreensão das várias influências que levam a aumentos na insatisfação com a imagem corporal nos adolescentes, bem como a possibilidade que a *social connectedness* oferece como mediadora, reduzindo assim a insatisfação corporal.

Algumas limitações podem ser apontadas ao presente estudo. Um delas prende-se com as condições de aplicação dos protocolos de investigação, bem como o processo de recolha e análise dos dados. A opção por medidas de autorrelato para a obtenção de informação junto dos participantes está associada, nomeadamente, ao possível enviesamento dos dados reportados (e.g., *faking good/bad*, resposta ao acaso, questionários preenchidos de forma incompleta, etc.). Atendendo ao modo de administração, em contexto de grupo, pode ter ocorrido também um menor investimento

por parte de alguns jovens ou até mesmo falhas de compreensão que, na ausência de pedido de esclarecimento, não foram colmatadas. O facto de a amostragem ser aleatória mas não representativa da população assinala outra limitação deste estudo. A amostra do grupo de controlo inclui apenas participantes da região da Grande Lisboa, e quando comparadas as dimensões das subamostras (grupo de atores e controlo) observa-se uma grande discrepância, sendo o grupo de atores consideravelmente menor, o que poderá também ter contribuído para a ausência de diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos, nas variáveis em estudo. Deste modo, os dados não podem ser generalizados para a população portuguesa, mas constituem, no entanto, uma importante referência. Também a transversalidade deste estudo pode ser considerada uma limitação, pelo que seria interessante realizar um estudo longitudinal que permitisse estudar o comportamento dos jovens, no decorrer da sua adolescência, sobretudo relativamente a variáveis como a autoestima e a satisfação com a escola.

Para futuras investigações, seria interessante estudar mais aprofundadamente o contexto familiar dos jovens atores e que influências daí advêm para a insatisfação com a imagem corporal, pelo que teria sido útil recolher informação relativa aos encarregados de educação (e.g., tipo de comentários ou pressões exercidas sobre os filhos para atingirem o ideal corporal), visto vários autores considerarem o meio familiar como a maior fonte de influências (e.g., Csikszentmihaly, Rathunde & Whalen, 1993, cit. por Hankes, 2009). Além disso, seria ainda pertinente considerar uma metodologia mista e não apenas quantitativa, no sentido em que fosse exequível construir e encontrar um “esquema” mais completo do porquê da insatisfação com a imagem corporal predominantemente na adolescência e a sua possível relação com o tipo de contexto considerado. Assim, seria possível investigar também quais as influências das variáveis em estudo, e de que modo atuam sobre a insatisfação corporal.

#### **4.7. Conclusões**

No presente estudo não foram encontradas associações significativas entre o facto de ser ator ou não e apresentar insatisfação com a imagem corporal, quer em rapazes quer em raparigas. Todavia, num mundo social cada vez mais competitivo os adolescentes veem-se “obrigados” a seguir o padrão de beleza culturalmente aceite e considerado ideal, seja por comparação social seja por influências familiares.

Neste sentido, e na adolescência, a necessidade de estabelecer relações sociais e o sentimento de pertença e ligação ao mundo social emergem, pelo que níveis elevados de *social connectedness* funcionam como um fator protetor aumentando a autoestima e, conseqüentemente, a satisfação com a imagem corporal. Do mesmo modo, um ambiente familiar coeso e expressivo, com reduzidos conflitos, fornece o meio adequado para um melhor desenvolvimento dos jovens, havendo também mais espaço para a prática de rituais familiares, o que contribui para uma maior coesão familiar e aumenta o sentimento de pertença ao grupo por parte do adolescente, que muitas vezes se sente “perdido” e sem rumo.

As raparigas, nomeadamente no grupo de controlo, apresentaram níveis de *social connectedness* superiores aos dos rapazes, podendo funcionar assim como um fator protetor para estas. Não querendo com isto dizer que os rapazes não beneficiem das suas relações, apenas que se reflete mais nas raparigas em estudo.

Para concluir, apenas referir que diferentes contextos e diferentes exigências levam a diferentes tipos de comportamentos e investimentos na imagem corporal, pelo que jovens atores terão preocupações maiores dado o meio em que se encontram inseridos ser tão propício a pressões e competições, embora muitos jovens não atores possam também sofrer pressões por parte dos pares e da família para atingirem um determinado padrão de beleza corporal.

## Referências Bibliográficas

- Aboim, S., & Wall, K. (2002). Tipos de família em Portugal: Interações, valores, contextos. *Análise Social*, 37(163), 475-506.
- Adler, P. A., & Adler, L. (1998). Peer power: Preadolescent culture and identity. *New Brunswick*. NJ: Rutgers University Press.
- Alarcão, M. (Ed.). (2002). *(Des)Equilíbrios familiares*. Coimbra. Quarteto Editora.
- Amaral, J. R. (1978). *Adolescência e juízo moral*. Oeiras: Instituto Gulbenkian de Ciência.
- Banitt A. A, Kaur H., Pulvers K. M., Nollen N. L., Ireland M., & Fitzgibbon, M. L. (2008). *BMI Percentiles and body image discrepancy in black and white adolescents*. *Obesity*, 16(5), 987-991.
- Barbosa, M. R. (2001). *A vinculação aos pais e a imagem corporal de adolescentes e jovens adultos*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Barbosa, M. R. (2008). *Contextos relacionais de desenvolvimento e vivência corporal*. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Barros, D. D. (2005). Imagem corporal: A descoberta de si mesmo. [Versão electrónica]. *História, ciências e saúde*, 12(2), 547-554.
- Beyers, W. & Seiffge-Krenke, I. (2007). Are friends and romantic partners the “best medicine”? How the quality of other close relations mediates the impact of changing family relationships on adjustment. *International Journal of Behavioral Development*, 31(6), 559-568.
- Bizarro, L. (1999). *O bem-estar psicológico durante a adolescência*. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Borges, V. (2008). Trabalho, género, idade e arte: Estudos empíricos sobre o teatro e a dança. *E-cadernos CES*, 10, 110-127.
- Brown, B. B. (2004). Adolescents' relationships with peers. In Lerner R. M. & Steinberg L. (Ed.). *Handbook of Adolescent Psychology*, 2nd edition (pp. 363-394). New York: Wiley.
- Bureau of Labor Statistics. (2010). *Entertainers and performers, sports and related occupations*. Occupational Outlook Handbook, 321-325. Recuperado em Maio de

2012,

<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=bth&AN=71944502&site=ehost-live&scope=site>

- Cash, T. F. (1990). The psychology of physical appearance: Aesthetics, attributes, and images. In Cash T. F. & Pruzinsky T. (Ed.). *Body images: Development, deviance and change*, (51-79). New York, London: The Guilford Press.
- Cash, T. & Pruzinsky, T. (1990). *Body images: Development, deviance and change*. New York: The Guilford Press.
- Cash, T. (2002). Cognitive-behavioral perspectives on body image. In Cash T. e Pruzinsky T. (Ed.). *Body image: A handbook of theory, research, and clinical practice* (pp.38-46). New York: The Guilford Press.
- Chen, L. & Chung, S. (2007). Loneliness, social connectedness, and family income among undergraduate females and males in Taiwan. *Social Behavior and Personality*, 35(10), 1353-1364.
- Claes, M. (1992). Friendship and personal adjustment during adolescence. *Journal of Adolescence*, 15, 39-55.
- Cohen J. (1992). A power primer. *Psychological Bulletin*, 112(1), 155-159.
- Compas, B. E., Hinden, B. H. & Gerhardt, C. (1995). Adolescent development: Pathways and processes of risk and resilience. *Annual Review of Psychology*, 46, 265-93.
- Cordeiro, R. A. (2006). Aparência física e amizade íntima na adolescência: Estudo num contexto pré-universitário. *Análise Psicológica*, 4(24), 509-517.
- Crespo, C. (2011). “À mesa com a família”: Rituais familiares ao longo do ciclo de vida. In Matos, P. M., Duarte, C. & Costa, M. E. (Ed.). *Famílias: Questões de desenvolvimento e intervenção*. Porto: Livpsic.
- Crespo, C., Davide, I., Costa, M. E. & Fletcher, G. J. (2008). Family rituals in married couples: Links with attachment, relationship quality, and closeness. *Personal Relationships*, 15, 191-203.
- Crespo, C., Kielpikowski, M., Pryor, J. & Jose, P. E. (2011). Family rituals in New Zealand families: Links to family cohesion and adolescents' well-being. *Journal of Family Psychology*, 25, 184-193.
- Dacey, J. & Kenny, M. (1994). *Adolescent development*. Madison, WI: Brown & Benchmark.

- Davidson T. E. & McCabe M. P. (2006). Adolescent body image and psychosocial functioning. *The Journal of Social Psychology, 146*(1), 15–30.
- Fiese, B. H. (2006). Who took my hot sauce? Regulating emotion in the context of family routines and rituals. In Snyder, D. K., Simpson, J. A. & Hughes, J. N. (Ed.). *Emotion regulation in families* (pp.269-290). Washington DC: American Psychological Association.
- Fiese, B.H. & Kline, C. A. (1993). Development of the family ritual questionnaire: Initial reliability and validation studies. *Journal of Family Psychology, 6*, 290-299.
- Fiese, B. H., Tomcho, T. J., Douglas, M., Josephs, K., Poltrock, S. & Baker, T. (2002). A review of 50 years of research on naturally occurring family routines and rituals: Cause for celebration? *Journal of Family Psychology, 16*, 184-193.
- Field, A. E., Camargo, C. A., Taylor, J. C., Berkey, C. S., Roberts, S. B. & Colditz, G. A. (2001). Peer, parent, and media influences on the development of weight concerns and frequent dieting among preadolescent and adolescent girls and boys. *Official Journal of the American Academy of Pediatrics, 107*(54), 54-60.
- Fisher, S. (1990). The evolution of psychological concepts about the body. In Cash T. & Pruzinsky T. (Ed.). *Body images: Development, deviance and change*. NewYork: Guilford Press.
- Fleitlich, B. W. (1997). O papel da imagem corporal e os riscos de transtornos alimentares. *Pediatria Moderna 32*(1), 56-62.
- Francisco, R., Crespo, C., Dias, E., Malaquias, A. S. & Rocha, I. (2011). Versão portuguesa do SCS-R (versão para investigação). Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Francisco, R., Narciso, I. & Alarcão, M. (in press). (In)Satisfação com a imagem corporal em adolescentes e adultos portugueses: Contributo para o processo de validação da Contour Drawing Rating Scale. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico e Avaliação Psicológica*.
- Guba, E. G. & Lincoln, Y. S. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In Denzin N. K. & Lincoln Y. S. (Ed.). *Handbook of qualitative research* (pp. 105-117). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Guberman, C. & Manassis, K. (2011). Symptomatology and family functioning in children and adolescents with comorbid anxiety and depression. *Journal of the Canadian Academy of Child Adolescent Psychiatry, 20*(3), 186-195.

- Greeff, A. P. (2000). Characteristics of families that function well. *Journal of Family Issues, 21*, 948-962.
- Hankes, D. M. (2009). Adolescent performers and the family system. In Hays K. F. (Ed.). *Performance psychology in action: A casebook for working with athletes, performing artists, business leaders, and professionals in high-risk occupations* (pp. 247-267). Washington, DC, US: American Psychological Association.
- Hart, E. A. (2003). Avaliando a imagem corporal. In Tritzschler K. (Ed.). *Medidas e avaliação em educação física e esportes de Barrow & McGee* (pp.457-488). São Paulo: Manole.
- Harter, S. (1999). *The construction of self. A developmental perspective*. New York: The Guilford Press.
- Hays, K. F., Brown, J. & Charles, H. (2004). *You're on!: Consulting for peak performance*. Washington, DC, US: American Psychological Association.
- Jose, P. E., & Crespo, C. (2012). Social connectedness in adolescence. In Levesque R. J. (Ed.). *Encyclopedia of Adolescence* (pp.2758-2768). New York: Springer.
- Kalavana, T., Maes, S. & De Gucht, V. (2010). Interpersonal and self-regulation determinants of healthy and unhealthy eating behavior in adolescents. *Journal of Health Psychology, 15(1)*, 44-52.
- Kronenberger, W. & Thompson, R. (1990). Dimensions of family functioning in families with chronically ill children: A higher order factor analysis of the family environment scale. *Journal of Clinical Child Psychology, 19(4)*, 380-388.
- Leak, G. K. & Williams, D. E. (1991). Relationship between social interest and perceived family environment. *Individual Psychology: Journal of Adlerian Theory, Research & Practice, 47(1)*, 159-165.
- Lee, R. M. & Robbins, S. B. (1995). Measuring belongingness: The social connectedness and social assurance scales. *Journal of Counseling Psychology, 42*, 232-241.
- Lee, R. M. & Robbins, S. B. (1998). The relationship between social connectedness and anxiety, self-esteem, and social identity. *Journal of Counseling Psychology, 45*, 338-345.
- Lee, R. M. & Robbins, S. B. (2000). Understanding social connectedness in college women and men. *Journal of Counseling & Development, 78*, 484-491.

- Lee, R. M., Draper, M. & Lee, S. (2001). Social connectedness, dysfunctional interpersonal behaviors, and psychological distress: Testing a mediator model. *Journal of Counseling Psychological*, 48(3), 310-318.
- Lieberman, M., Gauvin, L., Bukowski, W. M. & White, D. R. (2001). Interpersonal influence and disordered eating behaviors in adolescent girls – The role of peer modeling, social reinforcement and body-related teasing. *Eating Behaviors*, 2, 215-236.
- Lind, W. (2008). *Casais biculturais e monoculturais: Diferenças e recursos*. Tese de Doutoramento. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Maroco, J. (2011). *Análise estatística com o SPSS statistics*. Lisboa: ReportNumber.
- Martins, P. O., Trindade, Z. A. & Almeida, A. M.O. (2003). O ter e o ser: Representações sociais da adolescência entre adolescentes de inserção urbana e rural. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(3), 555-568.
- Matos, P. M. & Fontaine, A. M. (1992). *Family Environment Scale*. Adaptação portuguesa. Manuscrito não publicado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto.
- Medeiros, M. T. (2000). Conceito de adolescência. In Medeiros M. T. & Serpa A. I. (Ed.). *Adolescência: abordagens, investigações e contextos de desenvolvimento* (pp: 12- 27). Açores: Direcção Regional de Educação.
- Moos, R. H., & Moos, B. S. (1986). *The family environment scale: The manual*. Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press.
- Moos, R. H. & Moos, B. S. (3rd Ed.). (1994). *Family environment scale manual*. Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press.
- Newcomb, A. F. & Bagwell, C. L. (1995). Children's friendship relations: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 117, 306-347.
- Olson, D. H. (2000). Circumplex model of marital and family systems. *Journal of Family Therapy*, 22, 144-167.
- Olson, D. H. & Gorall, D. M. (2003). Circumplex model of marital and family systems. In Walsh F. (3rd Ed.). *Normal Family Processes* (pp.514-547). New York: Guilford.
- Pataki C. (2009). Adolescence. In Sadock, B. J, Sadock, V. A, & Ruiz, P. (Ed.). *Kaplan & saddock comprehensive textbook of psychiatry*. New York: Lippincott Williams and Wilkins.

- Peat, C. M., Peyerl, N. L., Ferraro, F. R. & Butler, M. (2011). Age and body image in caucasian men. *Psychology of Men & Masculinity*, 12(2), 195-200.
- Preacher, K. J. & Hayes, A. F. (2008). Asymptotic and resampling strategies for assessing and comparing indirect effects in multiple mediator models. *Behavior Research Methods*, 40(3), 879-891.
- Relvas, A. P. (2004). *O ciclo vital da família – perspectiva sistémica*. (Ed.). Porto: Edições Afrontamento.
- Ricciardelli, L. A., McCabe, M. P. & Sophie, B. (2000). Body image and body change methods in adolescent boys. Role of parents, friends, and the media. *Journal of Psychosomatic Research*, 49, 189-197.
- Sampaio, J. C. (2002). Doenças do Comportamento Alimentar. In Cordeiro J. C. (Ed.). *Manual de Psiquiatria Clínica* (pp.379-392). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sampaio D. (2006). *Lavrar o mar*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Santos, M. & Fontaine, A. (1995). Avaliação do ambiente familiar por crianças e pré-adolescentes: Alguns aspectos da adaptação da F.E.S. de Moos & Moos. *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*, 3, 421-430.
- Saucier, G., Wilson, K. & Warka, J. (2007). The structure of retrospective accounts of family environments: Related to the structure of personality attributes. *Journal of Personality Assessment*, 88(3), 295-308.
- Scholte, R. H. & Aken, M .A. (2006). Peer relations in adolescence. In Jackson A. E. & Goossens L. (Ed.). *Handbook of adolescent development: European perspectives* (pp.175-199). London: Psychology Press.
- Soares, I. (1996). *Representação da vinculação na idade adulta e na adolescência*. Braga: Universidade do Minho.
- Souza, J., Abade, F., Silva, P., M. C. & Furtado, E. F. (2011). Avaliação do funcionamento familiar no contexto da saúde mental. *Revista Psiquiatria Clínica*, 38(6), 254-259.
- Spagnola, M. & Fiese, B. H. (2007). Family routines and rituals: A context for development in the lives of young children. *Infants & Young Children*, 20, 284-299.
- Sprinthal, N. & Collins, W. (2003). *Psicologia do adolescente: Uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Street, J., Harris-Britt, A. & Walker-Barnes, C. (2009). Examining relationships between ethnic identity, family environment, and psychological outcomes for african american adolescents. *Journal of Child and Families Studies*.
- Thompson, J. K. (2004). The (mis) measurement of body image: Ten strategies to improve assessment for applied and research purposes. *Body image, 1*, 7-14.
- Thompson, M. A. & Gray, J. J. (1995). Development and validation of a new body-image assessment scale. *Journal of Personality Assessment, 64*(2), 258-269.
- Vasconcelos, M. (1995). *A imagem corporal no período peripubertário. Comparação de três grupos étnicos numa perspectiva biocultural (vol. I e II)*. Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física da Universidade do Porto. Porto.
- Vianna, V., Silva, E. & Souza-Formigoni, M. (2007). Versão em português da family environment scale: Aplicação e validação. *Revista Saúde Pública, 41*(3), 419-426.
- Vincent, M. A. & McCabe, M. P. (2000). Gender differences among adolescents in family, and peer influences on body dissatisfaction, weight loss, and binge eating behaviors. *Journal of Youth and Adolescence, 29*, 205-221.
- Way, N. (1998). *Everyday courage: The lives and stories of urban adolescents*. New York: NYU Press.

**ANEXOS**

---

**ANEXO A**

---

Protocolo

## QUESTIONÁRIO GERAL

Data \_\_\_\_\_

É muito importante que leia atentamente e **responda a todas as questões**. Deixar questões em branco inutiliza todo o questionário e impossibilita que as suas respostas sejam incluídas na investigação.

**Quando não tiver a certeza acerca de um valor ou resposta, por favor, responda com dados aproximados.**

### 1. Sexo

Feminino<sub>1</sub>       Masculino<sub>0</sub>

### 2. Idade

\_\_\_\_ anos

### 3. Escolaridade

2.1. Ano escolar actual \_\_\_\_º ano

2.2. Último ano escolar que frequentou \_\_\_\_º ano

### 4. Zona de Residência Habitual

Norte<sub>1</sub>       Centro<sub>3</sub>       Grande Lisboa<sub>5</sub>       Arq. Madeira<sub>7</sub>  
 Algarve<sub>2</sub>       Alentejo<sub>4</sub>       Arq. Açores<sub>6</sub>       Outra<sub>8</sub> \_\_\_\_\_

**5. Com quem vive actualmente?** (Se vive em mais do que uma casa, por favor refira com quem vive em cada uma delas)

### 6. Irmãos

 (Se não tiver irmãos, passe à questão seguinte)

Número de irmãos \_\_\_\_

### 7. Tem acompanhamento psicológico ou psiquiátrico?

Nunca teve<sub>0</sub>       Teve no passado<sub>1</sub>       Tem actualmente<sub>2</sub>

### 8. É crente em alguma religião?

Não<sub>0</sub>       Sim<sub>1</sub>      Qual? \_\_\_\_\_  
É praticante?  Não<sub>0</sub>       Sim<sub>1</sub>

### 9. Pais – Estado Civil

#### 9.1. Pai

Casado/União de Facto<sub>1</sub>  
 Divorciado/Separado<sub>2</sub>  
 Viúvo<sub>3</sub>  
 Solteiro<sub>4</sub>  
 Não sei<sub>5</sub>

#### 9.2. Mãe

Casada/União de Facto<sub>1</sub>  
 Divorciada/Separada<sub>2</sub>  
 Viúva<sub>3</sub>  
 Solteira<sub>4</sub>  
 Não sei<sub>5</sub>

## 10. Pais – Profissão

10.1. Pai \_\_\_\_\_

10.2. Mãe \_\_\_\_\_

## 11. Pais – Nível de Escolaridade

### 11.1. Pai

- Até 4º ano<sub>1</sub>
- 5º a 6º ano<sub>2</sub>
- 7º a 9º ano<sub>3</sub>
- 10º a 12º ano<sub>4</sub>
- Licenciatura<sub>5</sub>
- Pós-licenciatura<sub>6</sub>

### 11.2. Mãe

- Até 4º ano<sub>1</sub>
- 5º a 6º ano<sub>2</sub>
- 7º a 9º ano<sub>3</sub>
- 10º a 12º ano<sub>4</sub>
- Licenciatura<sub>5</sub>
- Pós-licenciatura<sub>6</sub>

## 12. Como considera ser o seu ambiente familiar? (Assinale com um X a opção mais adequada)

- Muito mau<sub>1</sub>
- Mau<sub>2</sub>
- Nem mau nem bom<sub>3</sub>
- Bom<sub>4</sub>
- Muito bom<sub>5</sub>

## 13. Como considera ser a sua relação com...

### 13.1. ...o seu Pai

- Muito má<sub>1</sub>
- Má<sub>2</sub>
- Nem boa nem má<sub>3</sub>
- Boa<sub>4</sub>
- Muito boa<sub>5</sub>

### 13.2. ...a sua Mãe

- Muito má<sub>1</sub>
- Má<sub>2</sub>
- Nem boa nem má<sub>3</sub>
- Boa<sub>4</sub>
- Muito boa<sub>5</sub>

### 13.3. ...os seus Amigos

- Muito má<sub>1</sub>
- Má<sub>2</sub>
- Nem boa nem má<sub>3</sub>
- Boa<sub>4</sub>
- Muito boa<sub>5</sub>

### 13.4. ...os seus Colegas de Turma

- Muito má<sub>1</sub>
- Má<sub>2</sub>
- Nem boa nem má<sub>3</sub>
- Boa<sub>4</sub>
- Muito boa<sub>5</sub>

### 13.5. ...o(a) seu(sua) Namorado(a) (Se não tiver namorado(a), passe à questão seguinte)

- Muito má<sub>1</sub>
- Má<sub>2</sub>
- Nem boa nem má<sub>3</sub>
- Boa<sub>4</sub>
- Muito boa<sub>5</sub>

**14. Assinale com um X a pessoa com quem conversa quando tem um problema** (Pode escolher mais do que uma opção)

- |  |  |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Mãe                   | <input type="checkbox"/> Amigo(a)            |
| <input type="checkbox"/> Pai                   | <input type="checkbox"/> Namorado(a)         |
| <input type="checkbox"/> Madrasta              | <input type="checkbox"/> Professor(a)        |
| <input type="checkbox"/> Padrasto              | <input type="checkbox"/> Treinador(a)        |
| <input type="checkbox"/> Irmão/Meio-irmão      | <input type="checkbox"/> Psicólogo(a)        |
| <input type="checkbox"/> Irmã/Meia-irmã        | <input type="checkbox"/> Padre/Pastor        |
| <input type="checkbox"/> Outro familiar: _____ | <input type="checkbox"/> Outra pessoa: _____ |
|  | <input type="checkbox"/> Ninguém             |

**15. Actividades extra-curriculares**

**15.1. Assinale com um X as actividades extra-curriculares em que participa** (Pode escolher mais do que uma opção)

- Desportos de equipa** (por exemplo, basquetebol, voleibol, futebol)
- Desportos individuais** (por exemplo, atletismo, ginástica, judo, *surf*, golfe)
- Serviço Comunitário** (por exemplo, voluntariado num Hospital ou no Jardim Zoológico)
- Escutismo**
- Grupos de jovens da Igreja**
- Jornal/Clube de Escrita/Rádio escolar**
- Dança**
- Teatro**
- Música/Banda/Coro**
- Outra** (por favor, escreva qual: \_\_\_\_\_)

**15.2. Até que ponto as actividades extra-curriculares que assinalou o(a) fazem sentir melhor consigo próprio(a)?** (Assinale com um X a opção que mais se adequa à sua situação)

<b>Nada</b>					<b>Muito</b>
<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	

## C&R

(*Youth Connectedness Project*, 2006; versão portuguesa Crespo & Francisco, 2011)

As frases seguintes referem-se ao que as pessoas, em geral, podem fazer ou pensar quando têm algum problema. Por favor, indique a frequência com que costuma fazer/pensar estas coisas quando tem um problema que o(a) preocupa, assinalando uma das alternativas de resposta:

<b>Nunca /Quase nunca</b>	<b>Poucas vezes</b>	<b>Às vezes</b>	<b>Muitas vezes</b>	<b>Sempre/Quase sempre</b>
<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>

<b>1.</b> Mantenho-me ocupado(a) e interessado(a) nas coisas	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>
<b>2.</b> Tento não levar as coisas muito a sério	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>
<b>3.</b> Acreditar em mim próprio(a) ajuda-me nos tempos difíceis	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>
<b>4.</b> Consigo arranjar uma forma de resolver os meus problemas	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>

## SCS-R

(Lee, Draper & Lee, 2001; versão portuguesa Francisco, Crespo et al., 2011)

Em seguida encontra-se um conjunto de afirmações que reflectem as várias maneiras como nos vemos. Classifique o seu grau de concordância com cada afirmação utilizando a escala abaixo indicada. Não há uma resposta correcta. Não perca muito tempo com uma afirmação e responda a todos os itens.

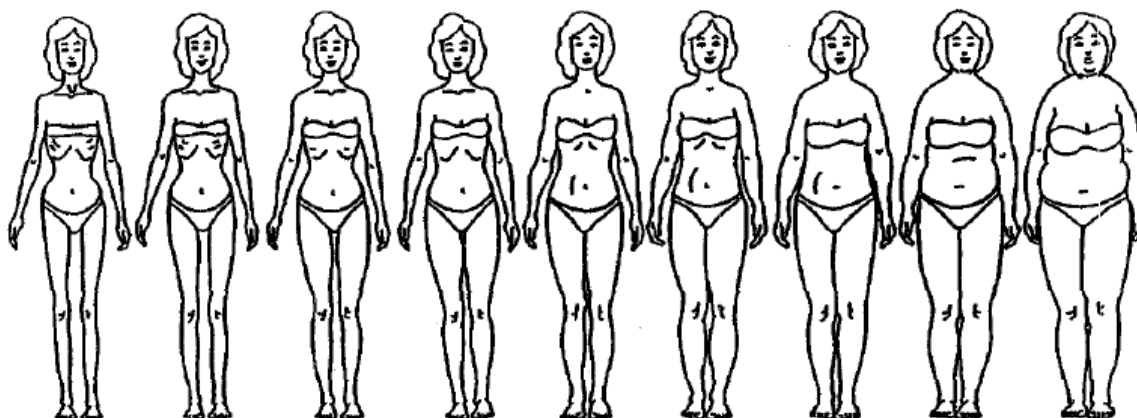
<b>Discordo Totalmente</b> <b>1</b>	<b>Discordo</b> <b>2</b>	<b>Discordo moderadamente</b> <b>3</b>	<b>Concordo moderadamente</b> <b>4</b>	<b>Concordo</b> <b>5</b>	<b>Concordo Totalmente</b> <b>6</b>
--	-----------------------------	---	---	-----------------------------	--

<b>6.</b> Sinto-me desligado(a) do mundo à minha volta	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>7.</b> Mesmo entre pessoas que conheço, não sinto que realmente pertença ali	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>8.</b> Vejo as pessoas como amigáveis e acessíveis	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>9.</b> Sinto-me como um estranho(a)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>10.</b> Sinto-me compreendido(a) pelas pessoas que conheço	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>

## CDRS

(Thompson & Gray, 1995; versão portuguesa Francisco et al., 2011)

Após observar atentamente as diferentes figuras, seleccione a que mais se aproxima da sua aparência actual e a que se aproxima mais da aparência que considera ideal.



Se for rapariga:

1      2      3      4      5      6      7      8      9

1. A figura que mais se identifica com a minha aparência actual tem o número \_\_\_\_
2. A figura que mais se identifica com o que considero ser a aparência ideal tem o número \_\_\_\_

## SCV

(Diener et al., 1985; versão portuguesa Neto, 1993)

A seguir, estão cinco afirmações com as quais pode concordar ou discordar. Utilizando a escala abaixo indicada, indique o seu grau de acordo com cada item colocando um **X** no número apropriado. Por favor, seja sincero(a) e honesto(a) na sua resposta.

<b>Fortemente em desacordo</b> <b>1</b>	<b>Desacordo</b> <b>2</b>	<b>Levemente em desacordo</b> <b>3</b>	<b>Nem de acordo nem em desacordo</b> <b>4</b>	<b>Levemente de acordo</b> <b>5</b>	<b>Acordo</b> <b>6</b>	<b>Fortemente de acordo</b> <b>7</b>
--	------------------------------	---	---	--	---------------------------	---

<b>2. As minhas condições de vida são excelentes</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>
<b>3. Estou satisfeito(a) com a minha vida</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>

## EADH

(Snaith & Zigmond, 1994; versão portuguesa Pais-Ribeiro et al., 2006)

Este questionário foi construído com o objectivo de ajudar a saber como se sente. Pedimos-lhe que leia cada uma das perguntas e faça uma cruz (X) no quadrado que melhor descreve a forma como se tem sentido na última semana.

Não demore muito tempo a pensar nas respostas. A sua reacção imediata a cada questão será provavelmente mais correcta do que uma resposta muito ponderada. Por favor, faça apenas um (X) em cada pergunta.

7. Sou capaz de estar descontraidamente sentado(a) e sentir-me relaxado(a)	<input type="checkbox"/> Quase sempre <input type="checkbox"/> Muitas vezes <input type="checkbox"/> Por vezes <input type="checkbox"/> Nunca
8. Sinto-me mais lento(a), como se fizesse as coisas mais devagar	<input type="checkbox"/> Quase sempre <input type="checkbox"/> Muitas vezes <input type="checkbox"/> Por vezes <input type="checkbox"/> Nunca
9. Fico de tal forma apreensivo(a) (com medo), que até sinto um aperto no estômago	<input type="checkbox"/> Nunca <input type="checkbox"/> Por vezes <input type="checkbox"/> Muitas vezes <input type="checkbox"/> Quase sempre
10. Perdi o interesse em cuidar do meu aspecto físico	<input type="checkbox"/> Completamente <input type="checkbox"/> Não dou a atenção que devia <input type="checkbox"/> Talvez cuide menos que antes <input type="checkbox"/> Tenho o mesmo interesse de sempre

## FES

(Moos & Moos, 1986; versão portuguesa Matos & Fontaine, 1992)

Neste questionário vai encontrar um conjunto de afirmações **sobre a sua família**. Leia atentamente cada uma das frases e assinale com uma cruz (X) a resposta que melhor exprime as **suas relações familiares com as pessoas com quem vive actualmente**, tendo em conta as seis alternativas de resposta:

<b>Discordo Totalmente</b>	<b>Discordo</b>	<b>Discordo moderadamente</b>	<b>Concordo moderadamente</b>	<b>Concordo</b>	<b>Concordo totalmente</b>
①	②	③	④	⑤	⑥

- |   |   |   |   |   |   |   |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 1. Na minha família ajudamo-nos uns aos outros.                               | ① | ② | ③ | ④ | ⑤ | ⑥ |
| 2. Quase sempre na minha família não contamos o que sentimos uns aos outros.  | ① | ② | ③ | ④ | ⑤ | ⑥ |
| 3. Na minha família nós zangamo-nos muitas vezes.                             | ① | ② | ③ | ④ | ⑤ | ⑥ |
| 4. Normalmente quando estamos em casa parece que só estamos a passar o tempo. | ① | ② | ③ | ④ | ⑤ | ⑥ |

## RFC

(Fiese & Kline, 1993; versão portuguesa Crespo & Lind, 2004)

Nas páginas seguintes encontram-se algumas rotinas/hábitos e tradições/costumes familiares em relação à hora de jantar e às comemorações anuais. Pense em como a sua família costuma fazer durante estas alturas.

1º) Leia as duas afirmações e escolha aquela que é mais parecida com a sua família.

2º) Depois de ter escolhido a afirmação mais parecida com a sua família, decida se esta afirmação é Totalmente Verdadeira ou Mais ou Menos Verdadeira para a sua família.

### HORA DE JANTAR

Pense num jantar normal na sua família:

1. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

Algumas famílias jantam juntas regularmente.

Outras famílias raramente jantam juntas.

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade

Mais ou menos verdade

2. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

Em algumas famílias é esperado que todos estejam em casa para o jantar.

Em outras famílias nunca se sabe quem vai estar em casa para o jantar.

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade

Mais ou menos verdade

## COMEMORAÇÕES ANUAIS

Pense em ocasiões que a sua família comemora todos os anos. Alguns exemplos são o dia de anos, dia do casamento dos pais e outras datas festivas.

4. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

Em algumas famílias os dias de anos e aniversários são marcos importantes que são celebrados de forma especial.

Em outras famílias não se dá grande importância aos dias de anos e aniversários; os membros da família até podem comemorar mas nada é particularmente especial.

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade

Mais ou menos verdade

5. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

Em algumas famílias estas comemorações são muito discutidas e planeadas.

Em outras famílias não há muito planeamento e discussão à volta destas comemorações.

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade

Mais ou menos verdade

**MUITO OBRIGADA PELA SUA COLABORAÇÃO!**

**ANEXO B**

---

Pedido de Autorização às Escolas

Ex.mo(a) Sr(a). Presidente do Conselho

Executivo da Escola \_\_\_\_\_

A Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa vem por este meio solicitar a colaboração da Escola \_\_\_\_\_ na recolha de dados para efeitos de elaboração de um estudo sobre a saúde e bem-estar psicológicos dos adolescentes portugueses, intitulado “Os palcos da adolescência e os outros significativos: Que influência no bem-estar dos jovens portugueses?”. Este projecto de investigação, que está a ser desenvolvido em colaboração com a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da universidade de Coimbra, pretende compreender a forma como os jovens portugueses se relacionam com os seus diferentes contextos de vida (família, escola, amigos, etc.) e identificar factores que possam contribuir para a sua saúde e bem-estar psicológicos.

Para a realização do projecto descrito, solicitamos a colaboração da Escola para a mobilização de 6 turmas do Ensino Secundário (2 turmas de cada ano de escolaridade), às quais seja possível aplicar o protocolo de investigação (em anexo), o qual deverá ser aplicado em grupo, sendo para tal necessário cerca de 40 minutos. Em anexo segue, igualmente, a respectiva autorização da Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular do Ministério da Educação.

As escolas participantes poderão ter acesso aos resultados desta investigação quando estes forem publicados.

Desde já nos disponibilizamos para prestar qualquer esclarecimento e agradecemos a Vossa colaboração.

A coordenadora do projecto de investigação,

---

(Professora Doutora Rita Francisco)

Lisboa, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2011

**ANEXO C**

---

Pedido de Autorização aos Encarregados de Educação



Exmo. Sr. Encarregado de Educação,

A Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa e a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra estão a realizar um estudo que visa compreender a forma como os jovens portugueses se relacionam com os seus diferentes contextos de vida (família, escola, amigos, etc.) e identificar factores que possam contribuir para a sua saúde e bem-estar psicológicos. A participação em actividades de investigação na área da Psicologia ajuda-nos a conhecer melhor as populações para as podermos ajudar quando surgem dificuldades ou quando as queremos prevenir. Desta forma, a participação do seu educando neste estudo será muito útil para outros jovens, no futuro. Este projecto foi já devidamente avaliado e autorizado pela Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (DGIDC) – Ministério da Educação, e consiste no preenchimento de um questionário pelos alunos, anónimo e confidencial. Os resultados obtidos serão devolvidos à escola, de modo a que estas informações possam ser utilizadas em favor dos alunos. Solicitamos que devolva a esta folha assinada, no prazo máximo de 1 semana, declarando a autorização ou não autorização do seu educando a participar na investigação.

Declaro que autorizo o meu educando a preencher o questionário relativo à investigação.

Declaro que não autorizo o meu educando a preencher o questionário relativo à investigação.

Assinatura do Encarregado de Educação: \_\_\_\_\_

Muito obrigada pela colaboração.

A coordenadora do projecto de investigação,

\_\_\_\_\_

(Professora Doutora Rita Francisco)

Para qualquer esclarecimento, contactar [rmfrancisco@fp.ul.pt](mailto:rmfrancisco@fp.ul.pt)

**ANEXO D**

---

Consentimento Informado

## Consentimento Informado

### *Os palcos da adolescência e os outros significativos: Que influência no bem-estar dos jovens portugueses?*

A investigação para a qual pedimos a sua colaboração está a ser realizada no âmbito de um projecto conjunto entre a Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FPUL) e a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (FPCE-UC).

O objectivo desta investigação é compreender a forma como os jovens portugueses se relacionam com os seus diferentes contextos de vida (família, escola, amigos, etc.) e identificar factores que possam contribuir para a sua saúde e bem-estar. Para tal, os investigadores reuniram um conjunto de questões elaboradas especificamente para os jovens que responderão de acordo com a sua experiência e opinião pessoais.

A participação no estudo é voluntária e os dados disponibilizados são confidenciais, não havendo quaisquer consequências para quem se recusar participar.

---

Tomei conhecimento do objectivo do estudo e do que tenho de fazer para participar no estudo. Fui informado(a) que tenho o direito a recusar participar e que a minha recusa em fazê-lo não terá consequências para mim.

Assim, declaro que aceito participar na investigação.

Rúbrica (por favor não indicar o nome ou outro dado que permita a sua identificação): \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_\_\_

Rita Francisco, Coordenadora e Investigadora principal

*Investigadora/Professora Auxiliar Convidada (FP-UL)*

Contacto: rmfrancisco@fp.ul.pt

Carla Crespo, Investigadora principal

*Investigadora/Professora Auxiliar Convidada (FPCE-UC)*

Contacto: carlacrespo@fpce.uc.pt